



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS

KAYLAN MENDES PONTES

**MANTOS DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ COMO INSTRUMENTOS DE
COMUNICAÇÃO DO CÍRIO: da análise imagética à percepção devocional**

SÃO LUÍS

2026

KAYLAN MENDES PONTES

**MANTOS DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ COMO INSTRUMENTOS DE
COMUNICAÇÃO DO CÍRIO: da análise imagética à percepção devocional**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Jane Cleide de Sousa Maciel

SÃO LUÍS

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pontes, Kaylan Mendes.

Mantos de Nossa Senhora de Nazaré como instrumentos de comunicação do Círio : da análise imagética à percepção devocional / Kaylan Mendes Pontes. - 2026.

65 f.

Orientador(a): Jane Cleide de Sousa Maciel.

Curso de Comunicação Social - Relações Públicas,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2026.

1. Círio de Nazaré. 2. Comunicação. 3. Relações Públicas. 4. Semiótica. 5. Mantos. I. Maciel, Jane Cleide de Sousa. II. Título.

KAYLAN MENDES PONTES

**MANTOS DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ COMO INSTRUMENTOS DE
COMUNICAÇÃO DO CÍRIO: da análise imagética à percepção devocional**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Jane Cleide de Sousa Maciel

Aprovado em: 13/07/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Jane Cleide De Sousa Maciel

Prof^a. Dra. Josefa Melo e Sousa Bentivi Andrade

Prof. Dr. Carlos Benedito Alves da Silva Júnior

SÃO LUÍS

2026

AGRADECIMENTOS

Em um pequeno trecho da canção "Nos Bailes da Vida", de Milton Nascimento, diz que "todo artista tem de ir aonde o povo está". Este encontro entre a arte e o povo foi o que me fez entrar na graduação e que veio me motivando até aqui. Acredito que assim como a arte, o conhecimento científico produzido dentro dos muros da universidade precisa ir de encontro com o povo, o seu verdadeiro detentor. É pela beleza do encontro que agradeço e dedico cada linha desta monografia, na certeza de que ela não me pertence, mas pertence ao povo trabalhador, pobre e negro deste país.

Agradeço ao milagre do próprio encontro, algo que só Deus, os Orixás, os Guias, os Encantados, os Deuses e todas as manifestações sagradas e imaculadas poderiam dar de presente ao ser humano.

Pela dádiva de encontrar Iolanda e João, meus avós e pais, eles me acolheram nos momentos de maior vulnerabilidade e me ensinaram que família é escolha. Ao encontro diário que faço com meus irmãos de vida e sangue, Keylla e Kauê, eles completam meu refúgio e trilham comigo esta peregrinação.

Aos meus amigos, minha família escolhida. Agradeço e dedico grande parte deste trabalho como forma de celebrar a dádiva dos encontros que tive com cada um. Aos que estão comigo desde a infância eu agradeço a persistência; aos que me encontraram na adolescência eu agradeço a paciência; e aos que me encontraram na vida adulta eu agradeço o entendimento.

Ao encontro mais gentil, amoroso e afetuoso. Rafael me mostrou que era possível amar sem medidas e ser amado nas mesmas proporções. Ele segurou minha mão durante este trabalho, caminhou, incentivou, iluminou e me apoiou. Espero continuar encontrando-o nessa e nas outras vidas que o universo nos reserva.

A minha orientadora, Jane Maciel, cujo encontro na graduação me levou a viver e enxergar as imagens por novas lentes. Agradeço a sua paciência, serenidade, calma e poesia viva.

Agradeço a todos os devotos e devotas de Nossa Senhora de Nazaré que contribuíram diretamente ou indiretamente para realização deste trabalho. Cada encontro aqui relatado é a certeza que a experiência da fé é individual e ainda assim

coletiva. Agradeço por se encontrarem com Maria e por me permitirem encontrar vocês na grandeza do amor devocional.

Agradeço por tudo que chegou e foi embora, na certeza que todo encontro se transforma em despedida, e esta, por si só, é a maior beleza da vida.

Francisco de Assis dizia que “ninguém é suficientemente perfeito que não possa aprender com o outro, e ninguém é tão imperfeito que não possa ensinar algo ao seu irmão”. Se este trabalho, que tanto me ensinou, conseguir encontrar pelo menos uma única pessoa, e esta entender que aprendeu algo, já terá válido a pena.

Deus é mais belo que eu.
E não é jovem.
Isto, sim, é consolo.

Adélia Prado

RESUMO

O presente trabalho investiga o Manto de Nossa Senhora de Nazaré, elemento central do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, não apenas como uma veste litúrgica, mas como um instrumento de comunicação. O objetivo principal é analisar a interação dos devotos com os signos presentes no Manto, buscando compreender a leitura imagética, a percepção devocional e a forma como essa dinâmica influencia o relacionamento entre a Igreja Católica e seus públicos. A pesquisa fundamenta-se nas áreas de comunicação, relações públicas e do estudo de imagens, compreendendo o Manto como um dispositivo mediador entre o sagrado e o cotidiano. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa e exploratória, cujo objeto empírico concentra-se no manto confeccionado para o ano de 2024 e 2025 do Círio. A coleta de dados é realizada por meio de três técnicas complementares: análise de imagens fixas, aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas, tratadas sob a ótica da análise temática. Os resultados apontam que a iconografia do Manto extrapola a dimensão estética, configurando-se como um agente estratégico de relacionamento da Igreja com seus diferentes públicos. Conclui-se que a leitura subjetiva e coletiva dos elementos visuais fortalece o senso de pertença dos devotos, evidenciando que práticas devocionais e a produção imagética se entrelaçam ativamente na constituição e manutenção dos vínculos de fé.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; Comunicação; Relações Públicas; Semiótica; Mantos.

ABSTRACT

This study investigates the Mantle of Our Lady of Nazareth—the central element of the Círio de Nazaré in Belém do Pará—not merely as a liturgical vestment, but as an instrument of communication. The main objective is to analyze the devotees' interaction with the signs embedded in the Mantle, aiming to understand the interpretation of its imagery, the devotional perception, and how these dynamic influences the relationship between the Catholic Church and its publics. The research is theoretically grounded in the fields of communication, public relations and visual studies, understanding the Mantle as a mediating device between the sacred and everyday life. Methodologically, it adopts a qualitative and exploratory approach, with its empirical object focusing on the mantle crafted for the 2024 and 2025 editions of the Círio. Data collection is carried out through three complementary techniques: image analysis, the administration of questionnaires, and semi-structured interviews, all evaluated through the lens of thematic analysis. The results indicate that the Mantle's iconography transcends its aesthetic dimension, serving as a strategic relationship-building agent between the Church and its diverse publics. The study concludes that the subjective and collective interpretation of these visual elements strengthens the devotees' sense of belonging, demonstrating that devotional practices and the production of imagery are actively intertwined in the establishment and maintenance of the bonds of faith.

Keywords: Círio de Nazaré; Communication; Public Relations; Semiotic; Mantle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge intitulada “E o verbo se fez carne e acampou entre nós”	18
Figura 2 – Trasladação do Círio de Nazaré.....	20
Figura 3 – Círio de Nazaré, 1902, fotografia de Jacques Huber	21
Figura 4 – Ilustração do primeiro Círio realizado em Belém.....	24
Figura 5 – Mantos do Círio de Nazaré.....	25
Figura 6 – Manto do Círio de Nazaré de 2024 aberto. Tema: "Perseverar na oração, com Maria, a mãe de Jesus"	39
Figura 7 – Quadro do percurso metodológico do manto de 2024	42
Figura 8 – Manto do Círio de Nazaré de 2025 aberto. Tema: Maria, Mãe e Rainha de Toda Criação”	43
Figura 9 – Detalhe do Mosaico A Árvore da Vida Localizado na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.....	43
Figura 10 – Quadro do percurso metodológico do manto de 2025.....	48
Figura 11 – Gráfico de localidade	49
Figura 12 – Gráfico percepção.....	51

LISTA DE SIGLAS

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
TL	Teologia da Libertação
DFN	Diretoria da Festa de Nazaré
RP	Relações Públicas
COP	Conferência das Partes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A FESTA HAVERÁ.....	16
2.1	Preparando a festa da libertação	16
2.2	O manto esotérico do povo	24
2.3	Muitos filhos, uma única mãe.....	27
3	ÍCONE E SÍMBOLO DO CÍRIO: ANÁLISE DO MANTO PELA PERSPECTIVA SEMIÓTICA E A RECEPÇÃO DOS FIÉIS	29
3.1	Em estado de semiótica	29
3.2	A construção de sentidos	30
4	O CRIADOR, A OBRA E AS SUAS CRIATURAS: A METODOLOGIA	34
4.1	Da cepa brotou a rama: questionário com os devotos	34
4.2	Da rama brotou a flor: entrevistas em profundidade	35
4.3	Da flor nasceu Maria: análise dos mantos.....	36
5	BAIÃO DAS COMUNIDADES: ANÁLISE DOS DADOS.....	38
5.1	Manto 2024: "perseverar na oração, com Maria, a mãe de Jesus"	39
5.2	Manto 2025: “Maria, mãe e rainha de toda criação”	43
5.3	Percepção dos fiéis sobre o manto e o relacionamento com a Igreja	48
5.3.1	Todo peregrino caminha junto: traçando o perfil	48
5.3.2	Seja o manto uma experiência	51
5.3.3	A percepção é o motor da fé	51
5.3.4	Olhar atento, coração operante	52
5.3.5	Oferta de sentimentos	53
5.3.6	Se tiveres que escolher, eis de escolher Maria: a comparação	53
6	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS.....	58
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DEVOTOS.....	61
	APÊNDICE B - ENTREVISTA LETÍCIA NASSAR	64
	APÊNDICE C - ENTREVISTA VITOR LIMA	65

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o catolicismo se estabeleceu desde a colonização portuguesa e foi introduzido como regra de vida aos povos originários e povos africanos escravizados, de modo que sua influência permeou a sociedade da época em seus mais diversos setores e poderes, estabelecendo outro modo de interpretação da realidade. Suas imagens criadas ao longo de séculos fundaram um modo de viver que implica diretamente na interpretação de textos, imagens e demais modos de comunicação verbal e não-verbal. A Igreja Católica ganhou força no nordeste e norte do país com o chamado "catolicismo popular", um modo de experimentar o cristianismo juntamente com sincretismo religioso e viver a fé baseada em comunidades de base com olhar dirigido a lutas sociais pela terra e a direitos humanos básicos.

É no norte do país que acontece a maior procissão religiosa do mundo, o Círio de Nazaré, em Belém do Pará. Realizado anualmente, o evento ultrapassa os limites de uma celebração litúrgica ao reunir dimensões religiosas, culturais e comunicacionais que se entrelaçam na construção de uma experiência coletiva marcada pela devoção, pela memória e pelo pertencimento. O Círio de Nazaré surge como um pedaço desse imaginário criado pela Igreja Católica, mas que mesmo dentro das suas amarras não se limitou à tradição da liturgia europeia¹ e aos ritos em templos. Pelo contrário, o Círio cruzou a cidade para ir ao encontro do povo e fez deste seu maior detentor. Seus símbolos criados ao longo das décadas foram entrelaçados à história do povo nortista e firmados como patrimônio cultural e imaterial do Pará. O Círio mobiliza milhões de pessoas em torno da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, produzindo um complexo sistema de símbolos a premissa de um sistema comunicacional.

O cancionero popular, as ladainhas em latim na queimação de palhinha e as romarias do Círio de Nazaré desvendam a inserção do catolicismo na sociedade brasileira. A devoção permeia essas expressões de fé e fortalece a relação entre devotos e Igreja Católica, sempre por meio de um mediador. O manto que veste a

¹ No âmbito da celebração católica, é o culto prestado a Deus. Segundo o Concílio Vaticano II, que pôs em prática a reforma litúrgica, liturgia é "ação sagrada, através da qual, com um rito, na Igreja e mediante a Igreja, é exercida e continuada a obra sacerdotal de Cristo, isto é, a santificação dos homens e a glorificação de Deus" (SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille, org. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992).

imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré durante o Círio cumpre o papel de mediação e condutor de fé e sentidos. Se por um lado o catolicismo fundou um Brasil baseado nas práticas colonizadoras, a narrativa destinada ao manto propõe fazer ver um Brasil sacramentado na diversidade religiosa, cultural e espiritual do povo.

Renovado a cada edição da festividade, o manto ultrapassa sua função litúrgica para tornar-se um elemento central da comunicação do Círio. Cada cor, tecido, bordado e composição visual é cuidadosamente pensado para traduzir o tema escolhido para a festividade, estabelecendo um diálogo entre a instituição e seus públicos. Dessa forma, o manto transforma-se em uma narrativa visual que comunica mensagens religiosas e contribui para a construção da identidade da própria festa.

Embora o manto ocupe lugar de destaque no imaginário dos fiéis e seja amplamente divulgado pelos canais institucionais da Diretoria da Festa de Nazaré (DFN), sua dimensão comunicacional ainda é pouco explorada pela literatura científica. Grande parte dos estudos sobre o Círio concentra-se em aspectos históricos, antropológicos, culturais ou religiosos, enquanto os processos de comunicação que envolvem a construção, circulação e percepção dos significados do manto permanecem relativamente pouco investigados.

Partindo desse cenário, percebe-se que a comunicação não se limita à transmissão de informações, mas envolve processos de produção, circulação e negociação de sentidos, de modo que os símbolos religiosos, quando inseridos em práticas culturais compartilhadas, tornam-se mediadores das relações entre instituições e públicos, permitindo que diferentes sujeitos interpretem, ressignifiquem e incorporem essas mensagens às suas experiências de fé. Desta forma, o manto pode ser analisado como um dispositivo comunicacional que articula elementos visuais, simbólicos e institucionais capazes de fortalecer o relacionamento entre a Igreja Católica, a Diretoria da Festa de Nazaré e os milhares de devotos que participam da festividade.

Sob essa perspectiva, cabe observar de que maneira os mantos da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré atuam como instrumentos de comunicação no contexto do Círio de Nazaré e quais significados são atribuídos a eles pelos diferentes públicos envolvidos na festividade, tendo em vista que parte do planejamento estratégico, inerente a atuação do profissional de relações públicas, não se pode desvincular dos diversos públicos de interesse da organização.

Mesmo diante do serviço pastoral, a atuação de profissionais de comunicação dentro das arquidioceses, dioceses, paróquias e comunidades é cada vez mais presente tendo em vista o uso crescente das redes sociais digitais. Tal atividade apresenta-se como função administrativa que Margarida Maria Krohling Kunsch (2003) reconhece ao definir que profissionais de relações públicas avaliam as atitudes dos públicos, identificam as políticas e procedimentos de uma organização com o interesse público e podem executar um programa de ação e comunicação para obter a compreensão e aceitação. Logo, é possível ir além e integrar as suas diversas funções para algo que possa se desvincular da atuação tradicional de um RP, mas que explore o potencial das instituições em seus mais diversos espectros.

Neste cenário é possível analisar imagens em diversos campos de estudo, como por exemplo o campo religioso, que no ocidente, por meio do cristianismo, tem no catolicismo relevante produção iconográfica, ao se consolidar como instituição capaz de promover sentimentos, formar opiniões e direcionar o olhar. O manto, enquanto mediador e ícone, acompanha os fiéis e permite o entendimento da festividade. O que poderia ser só mais um símbolo dentro dos diversos outros que compõem o Círio, torna-se um instrumento de comunicação, que por meio da produção artesanal em bordados, ilustram os temas anuais do Círio.

A criação de significados dentro de um contexto individual e ainda assim coletivo, é o recorte que permite analisar os signos que compõem o manto como produto imagético de comunicação e agente de relacionamento da Igreja Católica com seus fiéis. O estudo dos diversos elementos contidos dentro do manto, a iconografia elaborada em sua confecção, e sua leitura a partir de uma experiência individual suscita uma compreensão das relações públicas como eixo que planeja, executa e avalia ações de comunicação dentro de instituições religiosas.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de ampliar as discussões sobre comunicação religiosa sob a perspectiva das Relações Públicas e da análise imagética, evidenciando que os processos comunicacionais presentes no Círio extrapolam os discursos verbais e encontram na linguagem visual um importante mecanismo de evangelização, relacionamento e construção de vínculos simbólicos. Ao analisar o manto como um dispositivo comunicacional, pretende-se contribuir para os estudos sobre comunicação organizacional em instituições religiosas, bem como

para a compreensão das dinâmicas simbólicas que sustentam uma das maiores manifestações de fé da América Latina.

A devoção mariana configura-se como um dos fenômenos religiosos mais expressivos do Brasil e do mundo, especialmente no contexto do Círio de Nazaré, onde elementos simbólicos e imagéticos desempenham papel fundamental na construção e manutenção da fé dos devotos. Nesse cenário, o Manto de Nossa Senhora de Nazaré destaca-se não apenas como uma veste litúrgica, mas como um artefato carregado de significados, que comunica, por meio de seus signos, narrativas, valores e experiências culturais e temas sociais.

Partindo dessa perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar os mantos de Nossa Senhora de Nazaré como instrumentos de comunicação do Círio, investigando como elementos visuais e simbólicos contribuem para a construção de sentidos, para o fortalecimento da devoção e para o relacionamento entre a instituição religiosa e seus públicos. Para tanto, torna-se necessário compreender a evolução histórica e simbólica da festividade, contextualizando o manto como um instrumento comunicacional. Além disso, propõe-se identificar os principais elementos visuais presentes nos mantos de 2024 e 2025 e analisar como esses elementos comunicam o tema oficial do Círio. Por fim, investigar a percepção dos devotos acerca dos mantos enquanto instrumentos de comunicação e devoção, seja em uma interação presencial ou por meio de suas representações nas comunicações institucionais do Círio.

Dessa forma, ao considerar o manto como um elemento comunicacional, este trabalho contribui para a compreensão das dinâmicas de construção de sentido no campo religioso, evidenciando como práticas devocionais e elementos visuais se entrelaçam na constituição de vínculos entre os sujeitos e as instituições de fé.

Lucia Santaella (2002) diz que a semiótica são “processos de significação e de comunicação por meio dos signos em todas as suas formas e manifestações”. A partir da concepção de Santaella, a semiótica pode ser entendida como o campo que investiga os processos pelos quais os signos produzem sentido e possibilitam a comunicação em suas múltiplas formas de manifestação. Nesse contexto, os signos presentes no Manto de Nossa Senhora de Nazaré não se limitam a elementos decorativos ou estéticos, mas constituem-se como dispositivos comunicacionais que carregam significados culturais, religiosos e simbólicos. Cada elemento imagético atua

como um signo que, ao ser interpretado pelos devotos, desencadeia processos de significação mediados por suas experiências, crenças e repertórios socioculturais.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, complementada por dados quantitativos. A mesma articula levantamento bibliográfico, análise imagética dos mantos de 2024 e 2025 fundamentada na metodologia de André Melo Mendes (2019), entrevistas semiestruturadas com sujeitos envolvidos na produção e divulgação do Círio e aplicação de questionário aos devotos, permitindo confrontar as estratégias comunicacionais institucionais com as interpretações construídas pelos públicos.

As imagens serão examinadas a partir de um percurso que considera seus elementos formais, simbólicos e contextuais, o mesmo é composto por duas fases de caráter analítico e sintético respectivamente, enquanto o questionário e as entrevistas serão analisados por meio da análise temática, buscando identificar recorrências e sentidos atribuídos ao manto e à devoção. Dessa forma, a articulação entre diferentes técnicas possibilita uma compreensão ampla, evidenciando as relações entre comunicação, religiosidade e experiência simbólica.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro apresenta o percurso histórico do Círio de Nazaré e sua consolidação como manifestação religiosa, cultural e comunicacional. O segundo discute os referenciais teóricos sobre imagem, símbolo, comunicação, semiótica, devoção e Relações Públicas que fundamentam a pesquisa. O terceiro descreve os procedimentos metodológicos adotados. O quarto desenvolve a análise imagética dos mantos de 2024 e 2025. Por fim, o quinto capítulo articula os resultados das entrevistas e do questionário aplicado aos devotos, relacionando-os às discussões teóricas e demonstrando como os mantos atuam na construção dos processos comunicacionais do Círio de Nazaré.

Dessa forma, abre-se espaço para novos olhares em um tópico emergente e ainda pouco explorado, tangenciando novas perspectivas sobre a linguagem das imagens religiosas, a produção de sentido, a interpretação e a construção de relacionamento entre devotos e a Igreja Católica.

2 A FESTA HAVERÁ

A devoção mariana ocupa lugar central na tradição católica e desenvolveu-se progressivamente ao longo da história da Igreja Católica, especialmente a partir do reconhecimento de Maria como mãe de Jesus Cristo e figura fundamental no mistério da salvação. Desde os primeiros séculos do cristianismo, a imagem de Maria passou a ser associada à proteção, intercessão e modelo de fé para os fiéis, consolidando-se como uma das expressões mais significativas da religiosidade popular católica. Segundo o teólogo Leonardo Boff (2012), a devoção mariana ultrapassa a dimensão estritamente doutrinária e se manifesta profundamente na cultura popular latino-americana, especialmente nas festas religiosas e nas práticas de peregrinação. Para o autor, “Maria pertence ao patrimônio simbólico e afetivo do povo cristão” (Boff, 2012, p. 14). Suas imagens e seus símbolos ajudaram o cristianismo a se propagar a vários territórios do mundo e servir como objeto de catequização, devoção e apropriação histórica. Neste capítulo, abordaremos aspectos históricos da festa do Círio de Nazaré, a fim de compreender sua relação com a devoção mariana.

2.1 Preparando a festa da libertação

A Igreja Católica se difundiu com rapidez por todo o território brasileiro, marcando um novo tempo em que o pensamento, a cultura e o comportamento social foram moldados pelos seus mandamentos, dogmas, conceitos e princípios. Esta marca identitária moldou a forma como povo brasileiro constituiu historicamente suas relações interpessoais e espirituais. De modo geral, “o catolicismo, tradições populares e práticas comerciais caminham juntos na história do Brasil e da Amazônia desde os tempos coloniais” (Souza, 2000, p. 11).

É nessa relação que surge um fator importante na tradição das primeiras Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), que na prática do catolicismo pelos interiores do país formou fiéis devotos praticantes de um catolicismo mais próximo da sua própria realidade enquanto indivíduos. As Cebs não nasceram de documentos e tampouco faziam parte de um planejamento pastoral da Igreja do Brasil, mas nasceram da organização do povo que, na maioria das vezes, não contavam com o auxílio de um sacerdote ou de um ministro ordenado. Segundo o testemunho de

Marcelo Barros, entre 1964 e 1965, no final do Concílio Vaticano II, nascia um movimento que seria a gênese das Cebes, as Comunidades Populares, idealizado pelo padre Hélio Maranhão, da cidade de Tutóia, no Maranhão:

Uma pessoa muito original, ele começou um jeito novo de organizar na paróquia o Apostolado dos Leigos. Então ele começava a usar isso, principalmente no interior. E como o Nordeste estava fervilhando dos movimentos rurais, as Ligas Camponesas em Pernambuco e na Paraíba e também em outros estados com movimentos semelhantes, não organizados tão fortemente como era o de Francisco Julião e os grupos coordenados pelo padre Melo, do Cabo [...]. Então as Cebes começaram, na minha opinião, na zona rural e em pequenas cidades como Tutóia, no Maranhão [...] (Veiga 2009, p. 91).

O início da ação pastoral dos leigos e leigas² nas Cebes é descrito por Leonardo Boff dentro de um contexto de ausência de sacerdotes e a necessidade da ação do laicato na vida eclesial da comunidade:

[...] foi no final dos anos cinquenta na diocese de Dom Agnelo Rossi: era noite de Natal, os cristãos foram à Igreja para celebrar a missa do galo e o padre não veio. Então eles voltam para casa desolados e passam diante de uma Igreja evangélica cheia de luz e canto e dizem: “nós que não temos padre não temos nada e eles que têm o pastor que nem padre é, têm tudo, festa e celebração”. E no dia seguinte foram se queixar ao Dom Agnelo Rossi. Ele, apesar de ser um bispo conservador, foi sensível pastoralmente. Estabeleceu em todas as comunidades uma rádio, que pegava só a estação da diocese e eles então acompanhavam a missa pela rádio e faziam uma comunhão espiritual. Quando se tratava da leitura do evangelho eles escutavam o evangelho, desligavam o rádio e faziam comentários entre eles. Depois de um tempo mandaram embora o rádio, não escutavam mais a missa e começaram eles mesmos a organizar a celebração, organizar os cânticos e fazer os comentários bíblicos. Essa foi a ruptura instauradora dos leigos que marcou o nascimento da Igreja da base, das comunidades eclesiais (Veiga 2009, p. 90)

Essa característica do protagonismo do laicato dentro das comunidades por falta de um sacerdote para transubstanciação³ se aproxima, em partes, de uma vertente da Igreja Católica, a Teologia da Libertação (TL). Sem datação exata, mas

² Leigo deriva da palavra grega *laós*, que quer dizer “povo”. Através da Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, elaborada a partir das reflexões do Concílio Vaticano II, o termo “leigo” para Igreja vem ser “todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo” (LG, pg. 31).

³ Transubstanciação: Mudança de uma substância em outra. Jesus na última ceia quando ao repartir o pão, disse: “Tomai todos e comei. Isto é o meu corpo” e ao passar o cálice com vinho para os apóstolos disse: “Tomai todos e bebei. Isto é meu sangue”. Segundo a doutrina católica, o sacerdote, durante a celebração da missa, quando pronuncia essas palavras, opera a mesma transformação, isto é, a partir desse momento o pão, sem deixar de ser pão, se transforma no corpo de Cristo e o vinho, no seu sangue.

com forte movimento na década de 1970, tem na América Latina o centro da ação de leigos e leigas em busca por dignidade social e entendimento de suas próprias crenças. A miséria e a exploração que assombravam a América Latina nesta época impulsionaram um movimento que buscava constatar que aquela organização social marcada pela pobreza não estava nos projetos de Deus e que a Igreja se mostrava inerte e, muitas vezes, colaborava com a realidade injusta presente no cotidiano dos latino-americanos (Figura 1).

Figura 1 – Charge intitulada “E o verbo se fez carne e acampou entre nós”



Fonte: Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) s.d. p. 16

Assim, A TL se consolidou dentro das comunidades do nordeste e norte do Brasil, sendo uma forma de comunicar à Igreja Católica que o centro da fé não deve ser o Cristo crucificado, mas sim os pobres e as lutas sociais por eles travadas. Por este motivo, esta teologia é intensamente criticada por Cristãos Católicos mais tradicionais e conservadores. De acordo com Veiga (2009, p. 93):

O sagrado, assim, perde aquele halo de sacralidade circunscrita aos âmbitos religiosos oficiais para se transformar em uma forma de protesto, onde o povo finalmente se vê retratado, participando da própria história. Nessas novas propostas iconográficas, Cristo não está no altar esperando a adoração dos devotos, mas participa com eles da sua luta e caminhada.

Neste sentido, a devoção ganha uma camada ainda mais profunda, pois, como afirma Souza, ela "produz narrativas, representações e significados coletivos e individuais capazes de revelar modos como as pessoas constroem e explicam suas vidas, desejos, necessidades e conquistas" (Souza, 2000, p. 11). A devoção surge não somente como um fenômeno religioso, mas como uma "força vivida na fronteira entre o catolicismo tradicional popular e as CEBs, dentro da pluralidade de formas do

catolicismo brasileiro” (Domezi, 2006, p. 22). Isso cria uma relação cada vez mais evidente entre Igreja e povo, um relacionamento que perpassa a fé e se apresenta como uma força comunicacional que interliga instituições, públicos, serviços pastorais e bandeiras sociais.

É dentro desse contexto que o Círio de Nazaré surge, primeiro como herança da colonização portuguesa e depois como instituição do povo paraense. Segundo relatos do Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2006, p. 67) a devoção à Virgem de Nazaré se iniciou em Portugal e foi trazida ao Brasil por meio das missões jesuítas no norte do País. O objetivo era simples: catequizar povos indígenas e submetê-los à fé católica por meio do batismo e de outros sacramentos. A imagem da Virgem de Nazaré carregando o menino Jesus não era somente um chamado à convenção, mas uma personificação da "mulher salvadora". Mesmo tendo padres como os primeiros a propagar a fé na Virgem no interior do Pará, a devoção à Santa não parou na catequização jesuíta, tampouco se limitou às tradições católicas. A pequena imagem de madeira se destacou para além do catolicismo e das suas relações comunitárias do povo paraense:

[...] Círio é tanto uma denominação específica a uma procissão, quanto a um conjunto de celebrações religiosas, ou não, que acontecem a partir da segunda sexta-feira do mês de outubro. A celebração envolve procissões, missas, feiras de brinquedos regionais, arraial, festas, encenações teatrais, salões de arte, show pirotécnico, musicais e muitas outras manifestações. O Círio é um acontecimento de grande importância não apenas para os devotos de Nossa Senhora de Nazaré, mas para os paraenses como um todo que, de uma maneira ou de outra, participam da festa que é o Círio. (Pantoja, 2006, p. 28)

Ao tratar de sua natureza como uma festa popular é importante se voltar para Kunsch (2003) que diz que “os eventos são instrumentos estratégicos de comunicação dirigida aproximativa.” O Círio é, em sua essência, um evento de caráter religioso (Figura 2), já que sua estrutura e seus objetivos estão ligados ao ato de evangelização, um modo de aproximação da Igreja Católica com seus públicos. Contudo, suas ferramentas comunicacionais se expandem a cada ano. Se antes suas estratégias estavam ligadas exclusivamente a chamar novos fiéis e firmar devotos, com a necessidade de manutenção da festa, sua permanência e adaptação na sociedade capitalista, o Círio ganhou novas camadas que o levou a dialogar com o mercado e com mecanismos de captação de recursos, sejam eles públicos ou privados.

Figura 2 – Trasladação do Círio de Nazaré



Fonte: Livro do Círio (2018, p. 5)

Isidoro Alves (1980) diz que “o Círio é, ao mesmo tempo, manifestação de fé, espetáculo público e reafirmação da identidade cultural amazônica”. Esta relação entre o Círio e a lógica dos eventos, apresentada por Kunsch, é necessária para compreender sua ação atual dentro das estruturas do mercado e seu planejamento para alcançar seus objetivos comunicacionais, visto que é nesta festa popular que o povo se reúne e cumpre suas promessas. Para Alves (1980, p. 94):

O Círio de Nazaré constitui um complexo ritual em que se articulam, de forma singular, a solenidade do culto católico e a espontaneidade festiva do povo. Trata-se de um verdadeiro carnaval devoto, no qual o sagrado e o profano não se excluem, mas coexistem em uma mesma experiência social [...] “Esse ‘carnaval devoto’, com suas alegorias e sua berlinda belamente enfeitada, é um momento de conjunção cósmica, ponto central de uma temporalidade que aponta para os sentimentos idealizados de uma sociedade.

Apesar de ser compreendida como uma festividade Católica, o Círio de Nazaré foi organizado por décadas por Irmandades e Ordens Religiosas Católicas fora da jurisdição da Arquidiocese⁴ de Belém, como a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, e até mesmo fora da vertente Cristã Católica. Algumas datas apresentam o itinerário traçado pelo Círio ao longo dos anos: segundo o Jornal A República (1890, p. 1) em 1890, o Círio passa a sair de uma Igreja, que é a Igreja de Santo Alexandre

⁴ Arquidiocese é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica, administrada por um arcebispo, responsável pela coordenação pastoral de uma determinada região.

localizada no Palácio do Governo; em 1892 passa a sair da Catedral da Sé de Belém, de onde sai até hoje (A República, 1892, p. 1); em 1909, Criação da DFN, substituindo a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré (IPHAN, 2006); por fim, em 1974 é criada a Guarda de Nazaré, substituindo os Pais e Mães de santo que levavam a Berlinda⁵ (IPHAN, 2006).

Este último tópico é necessário para uma maior compreensão da estruturação do Círio enquanto evento religioso, social e político. Em ensaio publicado no *Medium*, o historiador Nelson Sanjad apresenta nove fotografias de Jacques Huber, botânico e fotógrafo suíço que viveu décadas no Brasil e os últimos anos de vida em Belém. As fotografias apresentam o Círio de Nazaré de 1902 (Figura 3), todas sob a perspectiva do povo. Partindo da análise destas fotos, o autor destaca que “para Huber, não era a célebre imagem que interessava e muito menos sua carruagem dourada, e sim as pessoas que as carregavam: nenhum branco, nenhum padre, nenhuma autoridade. Somente o “povo” e a Virgem.”

Figura 3 – Círio de Nazaré, 1902, fotografia de Jacques Huber.



Fonte: Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, Suíça (2014)

O protagonismo do povo, e aqui se faz necessária uma limitação do termo povo pois, para o autor, o termo "povo" não engloba todas as pessoas, mas se restringe exclusivamente a pessoas negras, pobres e socialmente excluídas pela elite do Pará.

⁵ Berlinda é o veículo especialmente ornamentado que conduz a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré durante as procissões do Círio.

Ele relata que "somente no início do século XX a Igreja Católica, por meio da Arquidiocese de Belém, passou a controlar efetivamente a festa e a dissociar Nossa Senhora de Nazaré dos cultos africanos." Observando as fotografias de Huber é possível perceber que o: "caráter popular é evidente nos rostos e corpos negros e mestiços que dominam a cena, absolutamente distinta da que assistimos hoje: uma procissão mercantilizada e dominada pelo clero, pelas autoridades políticas e figuras públicas" (Sanjad, 2023, n.p.).

Deste modo, o "povo" foi obrigado a ceder seu espaço para outros sujeitos, discursos e representações de interesse da Igreja Católica, e esta se empenhou em embranquecer a festa e limitar sua participação e ação pastoral. Esta tentativa de reconfigurar simbolicamente o Círio se torna também um posicionamento institucional da Igreja, pois se trata de uma organização, e por isso tem, em sua essência, interesses, visões e direcionamentos para o benefício próprio. A venda de patrocínio, a concentração de poder, a lógica do mercado com as "varandas"⁶ e principalmente o embranquecimento do Círio parecem indicar uma movimentação contrária àquelas décadas que este esteve sob o comando do "povo" e foi destinado para todos. Estas relações de poder nas organizações podem ser entendidas por meio do pensamento de Kunsch sobre comunicação organizacional que diz que:

A comunicação organizacional deve ser entendida como um processo complexo, que se desenvolve no contexto das organizações e é influenciado pelas relações entre pessoas, grupos e estruturas hierárquicas. Nesse ambiente, coexistem interesses diversos, conflitos e disputas de poder, que condicionam tanto a produção quanto a circulação das informações. (Kunsch, 2003, p.71)

Este pensamento nos ajuda a compreender a existência de um ecossistema simbólico dentro das organizações, sejam elas públicas, privadas, do terceiro setor e, neste caso, uma organização religiosa. Marlene Marchiori (2010, p.12) afirma que "nesse processo, os sujeitos manifestam seus interesses, confrontam posições e estabelecem relações de influência, evidenciando que a comunicação é atravessada por jogos de poder e por disputas simbólicas".

⁶ As varandas são espaços de observação e recepção da procissão do Círio de Nazaré, montados em residências, edifícios e instituições ao longo do percurso.

Tal sistema hierárquico de poder dentro da esfera Católica, por parte de Padres e Bispos⁷, foi denominado nos últimos anos como Clericalismo. Segundo o Papa Francisco (2018), o clericalismo surge de uma “visão elitista e exclusivista da vocação”, que interpreta o ministério recebido “como um poder a ser exercido e não como um serviço gratuito e generoso a ser prestado”. Para o pontífice, o clericalismo constitui uma “perversão” e está na “raiz de muitos males na Igreja”, pois favorece relações de poder em detrimento da lógica do serviço cristão. Tal estrutura autoritária reduz a participação dos leigos e compromete a dimensão pastoral do serviço Cristão. Dessa forma, o clericalismo representa uma distorção institucional que subordina a vocação religiosa à lógica do poder e da autossuficiência, excluindo dos conselhos pastorais e da administração paroquial o “povo”.

Em 2022 o arcebispo emérito de Belém, Dom Alberto Taveira Corrêa, em polêmica⁸ com o ex-prefeito da capital, Edmilson Rodrigues, disse que o "Círio de Nazaré tem dono" - o dono vem a ser a própria Igreja Católica. O "povo", o verdadeiro dono da festa, continua ocupando as ruas, demonstrando a devoção cultivada, cantando ladainhas e pagando suas promessas para a Rainha da Amazônia. Mas mesmo presente e fortemente atuante, o "povo" não é mais o protagonista da organização que antecede a festa, dentro da atual configuração institucional. Ainda que a pagação das promessas cresça a cada ano e o público alvo do Círio seja o “povo”, boa parte de tal participação se faz presente apenas na coletividade das ruas, como nos primórdios da festa. O Dossiê do Círio de Nazaré produzido pelo IPHAN aponta o seu início frisando apenas o tempo em que este esteve sob organização da Arquidiocese de Belém:

Os jesuítas iniciam o culto à Nazaré em Vigia, Pará. A devoção nazarena teve início em Vigia, mas o Círio como romaria que leva a imagem de um local para outro veio a acontecer neste município somente a partir da metade do século XIX, vários anos após a institucionalização do Círio belenense. Ou seja, apesar da devoção nazarena vigiense ser mais antiga, foi na capital que se realizou o primeiro Círio de Nazaré do Pará (IPHAN, 2006, p. 84)

⁷ Padres são sacerdotes responsáveis pela assistência pastoral às comunidades, especialmente nas paróquias, enquanto os bispos são os membros do episcopado encarregados da condução pastoral e administrativa de uma diocese.

⁸ Em setembro de 2022, uma declaração do então prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, de que o Círio de Nazaré “já não era mais da Igreja Católica” gerou ampla repercussão pública. Em resposta, a Arquidiocese de Belém publicou uma nota oficial reafirmando que o Círio “sempre foi e sempre será da Igreja Católica Apostólica Romana”, ressaltando que, embora a festividade acolha pessoas de diferentes crenças e possua reconhecida dimensão cultural, sua origem, organização e identidade permanecem vinculadas à Igreja Católica.

Há 233 anos a capital de Belém vive a maior festa religiosa do país e uma das maiores em devoção mariana do mundo (Figura 4). O Círio não é somente uma procissão, mas um Pará na vida do povo. Segundo o Dossiê do IPHAN, “trabalha-se no Pará o ano todo, sofrendo as necessidades, para em outubro vestir uma roupa nova e almoçar como um príncipe no dia do Círio. O Pará, sem a festa de Nazaré, não seria “Pará” (IPHAN, 2006, p. 11). Josimar da Silva Azevedo (2008, p. 206) lembra que “no Círio, a expressão máxima da fé, nasce do meio do povo, desenvolve-se no meio do povo e só acontece com a participação do povo”.

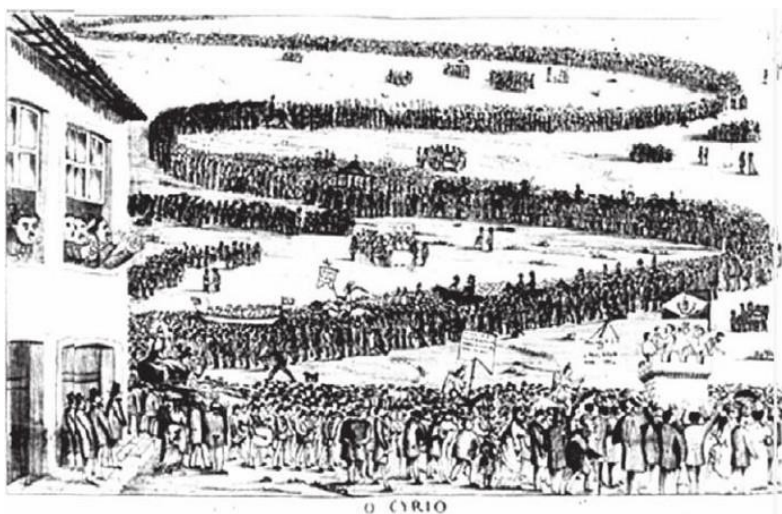


Figura 4 – Ilustração do primeiro Círio realizado em Belém
Fonte: Revista Puraquê (1878)

2.2 O manto esotérico do povo

Em grande parte das aparições marianas oficializadas pelo Vaticano é comum notar a presença de um manto como elemento de vestuário de Nossa Senhora. Normalmente em tom azul, ele surge como um símbolo de proteção e acolhimento. É comum encontrar imagens de Nossa Senhora sendo ornadas por manto, sejam elas imagens de roca ou gesso. Segundo Maria Regina Emery Quites (2006, p. 387):

As imagens de vestir chegaram ao Brasil por influência da tradição portuguesa e espanhola, especialmente entre os séculos XVII e XVIII, sendo utilizadas em procissões e cerimônias religiosas como forma de intensificar a aproximação emocional entre o fiel e o santo representado.

Tal prática de vestir imagens Sacras se difundiu, no Brasil, por meio de Ordens Terceiras Franciscanas em celebrações penitenciais por conta de sua teatralidade e envolvimento com o fiel. O ato de "vestir santos" logo se estabeleceu

por todo o território nacional a partir do catolicismo popular e se aproximou das comunidades de base. Para Fuviane Galdino Moreira (2017, p. 191), “vestir a imagem não significava apenas ornamentá-la, mas estabelecer relações simbólicas entre o devoto e a representação sagrada, transformando o tecido em testemunho material da fé, da política e da cultura”. O Manto que veste a imagem de Nossa Senhora de Nazaré (Figura 5), durante o Círio e nas visitas a cada paróquia⁹ da Arquidiocese de Belém, surge dentro deste contexto simbólico como dispositivo devocional e decorativo.

Figura 5 - Mantos do Círio de Nazaré



Fonte: Livro do Círio (2018, p. 63)

Conforme aponta Souza (2000), “o manto torna-se [...] o maior símbolo de representação de Nossa Senhora de Nazaré, pois não se vê mais a Santa sem o manto”, o que evidencia sua força simbólica e sua inseparabilidade da imagem mariana no imaginário coletivo dos devotos. O manto se insere na mediação entre o devoto e a imagem, um canal vivo que sustenta a fé das pessoas e se utiliza da estética para comunicar ideias, desejos e direcionar não somente o olhar dos fiéis, mas o modo como ele vai interpretar o círio.

A relação estabelecida entre os devotos e o manto ultrapassa o aspecto meramente material ou ornamental, sendo construída a partir da interação simbólica e da experiência vivida no contexto da festividade. Nesse sentido, Souza (2000)

⁹ Paróquia é a comunidade local da Igreja Católica confiada aos cuidados de um pároco, responsável pela assistência pastoral, celebração dos sacramentos e acompanhamento dos fiéis em um território específico.

ressalta que “não é necessária apenas a bênção nos tecidos para torná-los sagrados, mas a interação que os mesmos fazem com o devoto, pois são eles que escolhem a que objeto irá direcionar sua devoção”. Tal perspectiva permite compreender o manto como um objeto de devoção ativa, cuja sacralidade se consolida a partir do vínculo estabelecido pelos fiéis durante todo percurso da festa.

O manto extrapola o tempo e o espaço da imagem da santa e passa a integrar o cotidiano dos devotos, materializando-se em decorações, vestimentas e objetos que reproduzem seu formato e seus significados. Souza (2020) observa que “é comum se ver durante as trasladações que ocorrem na quinzena da festividade, casas e locais públicos enfeitados [...], que fazem com que as pessoas lembrem do formato do manto da santa e, conseqüentemente, da imagem também”. Assim, o manto atua como um signo comunicacional que reafirma a presença do sagrado no espaço urbano e se relaciona de maneira direta na vida social dos devotos. O manto não apenas representa Nossa Senhora de Nazaré, mas mobiliza afetos, memórias e práticas devocionais que fortalecem o vínculo entre os fiéis e o ministério celebrado.

Podemos compreender que as imagens presentes no manto não possuem um significado único e fechado, mas se constituem como signos abertos à interpretação, sendo apropriados de maneiras distintas por cada devoto. Essa pluralidade interpretativa está diretamente relacionada à individualidade de cada devoto, que mobiliza seus repertórios culturais, experiências de vida, linguagens e formas próprias de decodificação ao se depararem com os elementos imagéticos contidos na veste da Santa. Assim, o manto deixa de ser apenas um objeto simbólico estático e passa a atuar como um mediador de sentidos, permitindo múltiplas leituras que dialogam com as trajetórias pessoais de quem o contempla. É preciso voltar a máxima desde trabalho de que o manto é do povo e este precisa minimamente decodificar suas imagens. Nesse processo, a diversidade de interpretações não enfraquece o significado do manto, mas, ao contrário, fortalece o sentimento de pertença entre os devotos. Ao reconhecerem, ainda que de forma parcial ou singular, sentidos que lhes são próprios, os indivíduos constroem um imaginário íntimo e afetivo que os aproxima da devoção. Desse modo, mesmo diante de possíveis limitações interpretativas, cada sujeito se sente acolhido e integrado à experiência religiosa, evidenciando que o valor simbólico do manto reside justamente em sua capacidade de abrigar múltiplas leituras e promover vínculos entre o coletivo e o individual.

2.3 Muitos filhos, uma única mãe

A relação entre fé e devoção vem sendo estudada ao longo dos anos por várias vertentes sobre as sociedades primitivas e contemporâneas. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua edição do Catecismo da Igreja Católica, afirma que “a fé é uma adesão pessoal do homem a Deus; ao mesmo tempo e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade que Deus revelou” (CNBB, 1993, p. 44). Este livre arbítrio da fé é importante para entender seu caráter individual com os sujeitos, não é algo imposto, mas aceito e, em muitos casos, procurado.

Para Boff (1978, p. 52), “a devoção popular constitui uma maneira concreta pela qual o povo expressa sua fé. Ela não substitui a fé, mas a traduz em gestos, símbolos, objetos, procissões, promessas e orações”. A devoção necessita da fé para existir, e a fé precisa da devoção para ganhar materialidade e se tornar visível diante do povo. O devoto é aquele que, mesmo diante de suas limitações, vive sua fé por meio dos ritos, dogmas e imagens devocionais. Em síntese, Carlos Rodrigues Brandão destaca que “enquanto a fé remete ao universo da crença e da transcendência, a devoção aproxima o fiel do sagrado através da emoção, da imagem, do toque e da experiência sensível” (Brandão, 1986, p. 114). Logo, o manto de Nossa Senhora de Nazaré se insere dentro deste contexto devocional que aproxima o fiel da devoção e, por consequência, da fé.

Entre seus diversos elementos, o Manto de Nossa Senhora de Nazaré assume papel central na interpretação da intenção da festividade. A pesquisa de Souza (2000), em “Vestindo a Santa: Narrativas e Representações sobre os Mantos de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará (1973–2000)”, destaca o manto como símbolo da fé e da identidade cultural amazônica, ressaltando sua evolução estética e simbólica ao longo das décadas. A autora o define como um artefato artístico e histórico que reflete a devoção popular.

Mesmo sendo a tradição de vestir Santos anterior ao catolicismo no Brasil, em Belém essa indumentária se enche de significados regionais e se adapta, a cada ano, ao processo de evangelização que a Igreja se propõe; porém, ainda assim, cada sujeito interpreta a sua maneira o ato de vestir, dando novas visões àquilo que está sendo absorvido ou apropriado por ele (Souza, 2000).

Nessa concepção em que as imagens são interpretadas e lidas de acordo com a visão dos sujeitos é necessário entender o papel da semiótica neste contexto. Andrade (2023) apresenta um eixo do campo da semiótica chamado de “semiótica da teofania”. Compreendida como uma interpretação dos sinais, dos rastros que o divino deixa gravado na sua manifestação material, utilizando os registros plásticos plurais, como onomásticos, paleográficos e iconográficos, vazados em cerâmica, mármore, bronze, entre outros. Em outro aspecto, a semiótica da teofania busca compreender a comunicação que o divino exerce nas mais diversas formas de linguagem, mesmo quando esse rastro é concebido a partir do desejo de tornar-se divino.

Dentro desse contexto teórico, é possível analisar os signos que compõem o manto que veste a imagem peregrina da Santa durante o Círio a partir da análise imagética e da percepção dos devotos e devotas, que compreendemos como públicos da instituição Igreja Católica. Essas possibilidades de interpretação, podem resultar numa variedade de significados e leituras, que nem sempre serão as mesmas que a Igreja tentou transmitir. Esta comunicação, que depende das vivências e experiências dos sujeitos no âmbito da comunidade, torna as possibilidades de estudo do manto como uma fonte de pesquisa no campo da comunicação.

3 ÍCONE E SÍMBOLO DO CÍRIO: ANÁLISE DO MANTO PELA PERSPECTIVA SEMIÓTICA E A RECEPÇÃO DOS FIÉIS

A imagem como objeto de estudo, partindo do ponto de vista do indivíduo que a observa, evoca a subjetividade de quem vê, de modo que nenhuma imagem será compreendida e sentida da mesma forma. Cabe ao sujeito acessar e complementar seus sentidos, de modo que uma análise imagética que considere a perspectiva do observador/espectador deve levar em conta as vivências com os signos visuais e todo o contexto cultural que permeia tais experiências podem nortear relacionamentos por meio da transformação, inquietação ou estranhamento diante do que é visto.

3.1 Em estado de semiótica

A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (Santaella, 1983). Partindo do que nos diz Santaella, o conceito de semiótica está intrinsecamente ligado à forma como os indivíduos se comunicam entre si e com o mundo. Ela parte da ideia de que nem toda linguagem precisa ser verbalizada para ser linguagem, que podemos produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir outras formas de comunicação para além do ver-ouvir-ler. Assim, Santaella nos apresenta o campo da semiótica abrangendo desde a linguagem verbal até os sistemas visuais, gestuais e sonoros que formam canais legítimos de comunicação (Santaella, 2002).

Sendo a imagem compreendida por um sistema de linguagem, que tem relação com diferentes formas de comunicação, a semiótica a observa pelo conceito de signo, que pode ser compreendido como ícone, símbolo e índice, segundo Charles Peirce. Um signo vem ser algo que está para alguém em lugar de alguma coisa, sob algum aspecto ou capacidade (Peirce, 2005, p. 46).

Nos casos ícones, trata-se de signos que mantêm uma relação de semelhança com o objeto que representa, de maneira que a significação depende dos efeitos da semelhança produzida (Santaella, 2002). Esta semelhança, portanto, não forma uma única interpretação sobre o que é visto; ela é variável e depende do olhar e da carga de experiência que cada um deposita ao observar um ícone. No contexto do Círio, a

própria imagem de Nossa Senhora de Nazaré pode ser compreendida como um signo icônico, uma vez que sua representação visual remete diretamente à figura mariana venerada pelos devotos.

Sobre o símbolo, este constitui um tipo de signo cuja relação com o objeto não decorre de semelhança física nem de conexão causal, mas de uma convenção socialmente compartilhada e consolidada pelo hábito. Conforme Peirce (2005, p. 67), “um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, geralmente uma associação de ideias gerais”. Isso significa que seu sentido depende do reconhecimento coletivo e da aprendizagem cultural, sendo interpretado a partir de códigos e tradições historicamente construídos.

O manto, por exemplo, ultrapassa sua materialidade e passa a representar valores como proteção, fé, devoção e identidade cultural. Dessa forma, o símbolo atua como mediador entre o divino e o humano, permitindo que objetos, cores e ornamentos expressem significados espirituais e reforcem a experiência coletiva da devoção católica. Neste trabalho, iremos compreender o manto ora como ícone da festa ora como símbolo da devoção mariana.

3.2 A construção de sentidos

A reflexão sobre imagem e sua capacidade de mediar o visível e o invisível é discutida por Mondzain (2015), em “*Homo Spectator*”. Para a autora, a imagem não deve ser reduzida a um simples objeto de visão, mas compreendida como o resultado de um gesto humano que funda a própria relação entre o olhar e o mundo. A imagem, seja ela estática ou não, funciona como um instrumento de possibilidades de criação e sentidos.

Esse entendimento nos faz voltar a Santaella que diz que a imagem deve ser entendida como linguagem, pois compreende que ela é um sistema de signos naturais ou artificiais, ou seja, pode ser criada a partir da visão cosmológica e cognitiva do indivíduo por meio de suas ações, vivências sociais, princípios pré-existentes e cultura. A perspectiva semiótica permite entender que toda cultura é, em sua essência, comunicação, conforme defende Santaella (2002) ao dizer que “não há cultura sem linguagem, sem sistemas de signos, sem processos de significação”. Desse modo, a cultura se apresenta como uma rede simbólica, por meio da qual objetos, imagens e gestos se configuram como meios pelos quais as sociedades constroem e

compartilham sentidos. Compreendendo que a imagem, a cultura e a linguagem coexistem em um mesmo sistema simbólico, é possível investigar como se relacionam e se beneficiam dentro de outros campos de atuação, como o campo religioso.

Nogueira (2022) explica que a linguagem da religião apoia-se no gesto, na imagem e na narrativa. Este tripé forma não somente as conexões entre linguagem e religião, mas funda uma perspectiva semiótica de análise dos signos e aproxima o observado de uma contemplação mais aguçada entre o real e o sagrado. A articulação entre semiótica, imagem, cultura e religiosidade permite compreender o modo como a fé é comunicada por meio de linguagens visuais e simbólicas. A religião, nesse contexto, não se limita à transmissão de mensagens, mas modela o mundo e cria sentidos.

Essa multiplicidade de leituras pode ser melhor compreendida à luz da semiótica, especialmente quando se considera que os signos presentes no manto são interpretados a partir das vivências e repertórios dos devotos. Nesse sentido, Santaella (2002, p.15) afirma que a semiótica se dedica ao estudo dos “processos de significação e de comunicação por meio dos signos em todas as suas formas e manifestações”, permitindo compreender o manto como uma linguagem complexa, composta por elementos visuais, simbólicos e afetivos. Esses signos operam em diferentes níveis, icônico e simbólico, e possibilitam a construção de sentidos que articulam o visível ao invisível, o material ao transcendente.

Tal perspectiva se baseia na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce (2005), para quem o signo é “algo que representa algo para alguém” em determinado contexto, o que implica reconhecer que o significado não está fixado no objeto, mas se realiza na interpretação. Desse modo, os elementos iconográficos do manto, como cores, bordados, imagens e inscrições, não possuem um sentido único, sendo constantemente reinterpretados pelos devotos. Essa ideia é reforçada por Roland Barthes (1990, p. 12), ao afirmar que “a imagem é polissêmica”, ou seja, carrega uma pluralidade de significados que extrapolam a intenção de quem a produz.

Aplicado ao contexto da comunicação institucional do Círio de Nazaré, isso evidencia uma tensão entre a intencionalidade comunicacional da Igreja Católica e as apropriações simbólicas realizadas pelos fiéis, o que pode ter impacto na imagem organizacional das instituições Católicas envolvidas na construção deste evento religioso. Retomando a premissa que a Igreja Católica é uma instituição, se faz

necessário voltar ao pensamento de Kunsch (2003) de que as instituições são sistemas sociais organizados que se constituem a partir de objetivos, valores, normas e formas de relacionamento com seus diferentes públicos. Para a autora, a comunicação é um elemento estratégico indispensável para a construção da identidade e da legitimidade institucional, uma vez que permite que a organização expresse seus princípios e estabeleça vínculos duradouros com a sociedade. Conforme Kunsch (2003, p. 23), as instituições são “organizações sociais relativamente permanentes, estruturadas em torno de objetivos e funções específicas e legitimadas pela sociedade”.

Essa compreensão é particularmente relevante para a análise da Igreja Católica no contexto do Círio de Nazaré, pois evidencia que as instituições religiosas ultrapassam sua dimensão administrativa e se consolidam como uma organização social, neste caso, sendo orientada pela evangelização, pela preservação de tradições e pela mediação da experiência da fé. No Círio, a Igreja Católica atua como instituição responsável por organizar e comunicar os sentidos da festividade, mobilizando símbolos, rituais e narrativas que reforçam sua identidade e sua legitimidade diante dos devotos. Dessa forma, o Círio pode ser compreendido como um espaço privilegiado de comunicação institucional, um evento importante no qual a Igreja reafirma seus valores, fortalece sua relação com os fiéis e atualiza continuamente sua presença na vida e no cotidiano de milhares de pessoas.

No campo da comunicação, essa dinâmica pode ser compreendida a partir das contribuições de Muniz Sodré (2002), que entende a comunicação como um processo de “vinculação social”, no qual os sentidos são construídos nas relações entre os sujeitos. Sob essa perspectiva, o manto atua como mediador simbólico, estabelecendo conexões entre tradição, fé e identidade cultural. De modo complementar, Braga (2012) propõe que os processos comunicacionais se organizam em “circuitos de interação”, nos quais as mensagens são continuamente reinterpretadas e ressignificadas. Assim, o manto não se configura como um elemento de comunicação unidirecional, mas como um ponto de convergência de múltiplas leituras que circulam socialmente.

Essa dimensão interpretativa também pode ser relacionada à cultura visual, na medida em que, conforme aponta Oliveira (2008), as imagens religiosas funcionam como “dispositivos de interação simbólica”, nos quais os sujeitos projetam suas

crenças e afetos. No caso do manto, essa interação é intensificada pelo contexto ritual do Círio, em que a experiência visual se articula com a vivência emocional e coletiva da fé.

No contexto amazônico, essa construção simbólica adquire ainda maior complexidade, uma vez que, conforme observa Maués (1995), a religiosidade popular na região é marcada por um caráter dinâmico e sincrético, no qual elementos institucionais e populares se entrelaçam. O manto, nesse sentido, pode ser compreendido como um espaço de convergência dessas matrizes culturais, incorporando tanto a intencionalidade evangelizadora da Igreja Católica quanto às expressões simbólicas dos fiéis, bem como, mais recentemente, pela mediação de instituições governamentais de Cultura que são responsáveis por parte do financiamento e da organização do Círio e de empresas privadas que também participam por meio de cotas patrocinadoras. Essa articulação reforça seu papel como um artefato que ultrapassa a dimensão estética, constituindo-se como um elemento central na produção de sentidos no contexto da devoção.

Por fim, ao articular essas contribuições com a noção de semiótica da teofania apresentada por Andrade (2023), é possível compreender o manto como um instrumento de manifestação do sagrado mediado pela cultura. Segundo o autor, trata-se da interpretação dos “rastros que o divino deixa gravado em sua manifestação material”, o que permite entender os elementos do manto como signos que não apenas representam, mas também evocam e atualizam a presença do sagrado. Dessa forma, o manto se configura como um dispositivo comunicacional complexo, no qual se entrelaçam linguagem, cultura, fé e experiência, revelando-se como um campo fértil para a análise das relações entre comunicação e religiosidade.

Tal compreensão é ampliada por Xavier (2005), ao destacar que “toda leitura de imagem é atravessada pelo repertório do observador”, o que reforça a ideia de que os significados atribuídos ao manto são condicionados pelas experiências individuais e culturais dos devotos.

4 O CRIADOR, A OBRA E AS SUAS CRIATURAS: A METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório, tendo como objeto de estudo os processos comunicacionais que acontecem em torno dos mantos que vestiram a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré durante o Círio de Nazaré em 2024 e 2025, em Belém do Pará, considerando particularmente os relacionamentos entre a Igreja Católica e os devotos. Ela busca compreender os sentidos simbólicos, comunicacionais e devocionais atribuídos aos mantos por devotos e sujeitos envolvidos diretamente com sua produção e circulação imagética, além de traçar um percurso visual acerca de sua iconografia e elementos estéticos e religiosos.

A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma compreensão aprofundada dos fenômenos simbólicos, culturais e religiosos presentes no objeto analisado. Segundo Minayo, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (Minayo, 2001, p. 21). Nesse sentido, a metodologia qualitativa mostra-se adequada para compreender os processos de significação que envolvem os mantos da imagem peregrina, considerando não apenas seus aspectos visuais, mas também as experiências afetivas e religiosas produzidas a partir deles.

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa possui caráter exploratório. Para Gil, as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias (2008, p. 27). A escolha por esse caráter metodológico ocorre em razão da necessidade de aprofundar discussões ainda pouco exploradas acerca do manto enquanto elemento comunicacional, simbólico e visual dentro do Círio de Nazaré.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da articulação entre aplicação de questionários, entrevistas semiestruturadas e análise de imagens fixas dos mantos selecionados, procedimentos que serão detalhados a seguir.

4.1 Da cepa brotou a rama: questionário com os devotos

Inicialmente foi aplicado questionário com devotos de Nossa Senhora de Nazaré e pessoas que participaram, ou que tiveram contato com os mantos dos anos

analisados. A escolha do questionário como instrumento de coleta de dados justifica-se pela necessidade de apreender, de forma direta e estruturada, as subjetividades e as características sociodemográficas do público estudado. Conforme destaca Gil (2008, p. 121), metodologicamente, o questionário apresenta-se como a técnica mais adequada para o conhecimento de opiniões de um determinado grupo.

O objetivo foi buscar compreender as percepções, sentimentos e interpretações atribuídas aos mantos da imagem peregrina e também traçar um perfil destas pessoas, buscando compreender sua faixa etária, localidade e religião. As perguntas do questionário (Apêndice A) buscaram identificar quais as percepções dos fiéis sobre os mantos e de que maneira estes contribuem para sua experiência de fé e espiritualidade no contexto do Círio.

O questionário foi realizado por meio da plataforma *Google Forms* do dia 25 de abril a 16 de maio de 2026 e alcançou 83 respostas. Ele foi divulgado em grupos de *WhatsApp* e no *Instagram*, tanto do pesquisador quanto da página "Mãos de Outubro", por meio da função *stories* da rede social.

4.2 Da rama brotou a flor: entrevistas em profundidade

Como segundo procedimento metodológico foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a estilista Letícia Nassar, responsável pela criação dos mantos de 2024 e 2025, e com Vitor Lima, administrador da página "Mãos de Outubro", dedicada à preservação histórica do Círio de Nazaré, na rede social *Instagram* e no *YouTube*. Realizar entrevistas com agentes próximos do objeto de estudo permitiu maior flexibilidade na condução das perguntas e aprofundamento das respostas. Conforme Duarte (2010, p. 62), "a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte". As entrevistas buscaram compreender os processos criativos, simbólicos e comunicacionais envolvidos tanto na elaboração dos mantos quanto na circulação e percepção de suas imagens no ambiente digital. Ambas foram realizadas em dias distintos, em formato remoto, pela plataforma *Meet*.

O roteiro de perguntas (Apêndice B) com a estilista Letícia Nassar teve como objetivo compreender o seu processo criativo na confecção dos dois mantos

analisados, os signos presentes e a sua relação com o objetivo comunicacional da Igreja Católica, além da sua percepção quanto à leitura dos devotos sobre os mantos. Por sua vez, o roteiro elaborado para a entrevista com Vitor Lima (Apêndice C), criador e administrador da página “Mãos de Outubro” possuiu como objetivo compreender a percepção dos seguidores da página quanto aos mantos de 2024 e 2025, o papel da página na construção de uma relação entre os seguidores e o Círio de Nazaré, sua vivência como comunicador dentro do contexto da festa e a relação atual do Círio com o povo.

4.3 Da flor nasceu Maria: análise dos mantos

Como procedimento central da pesquisa, realizou-se a análise de imagens fixas dos dois mantos selecionados. A metodologia utilizada baseia-se na proposta desenvolvida por Alexandre Mendes (2019) na obra “Metodologia para análise de imagens fixas”. A escolha desse método ocorre porque ele compreende a imagem como linguagem e como produtora de discursos sociais e culturais. Conforme o autor, “a imagem bidimensional aqui é entendida como uma representação imperfeita da realidade, portadora de discursos e, como tal, possuidora de uma linguagem própria” (Mendes, 2019, p. 16).

A metodologia proposta por Mendes possui base semiótica peirceana, a mesma trabalhada por Santaella, e entende que a imagem não é neutra, mas socialmente construída. O autor afirma que “a imagem bidimensional passou a ser entendida como um conjunto de signos submetido a um código singular, portador de discursos que representam e ressignificam a realidade” (Mendes, 2019, p. 17). A análise foi desenvolvida a partir de dois percursos metodológicos: um de caráter analítico e outro de caráter sintético. Segundo Mendes, “esse método se constitui basicamente de dois momentos, o primeiro, em que predomina a ‘objetividade’ [...]; e outro, mais subjetivo” (Mendes, 2019, p. 21).

No percurso analítico, foram observados elementos formais dos mantos, como cores, bordados, formas, símbolos religiosos, composição visual e pontos de tensão imagética. O autor explica que “devem ser observadas as cores, as formas e as linhas que constituem a imagem, se elas se repetem ou contrastam” (Mendes, 2019, p. 24).

Também foi realizada a contextualização simbólica e cultural dos elementos presentes nos mantos, relacionando-os ao imaginário religioso e às tradições do Círio de Nazaré. Nesse sentido, Mendes destaca que “as imagens podem ser portadoras de uma memória coletiva”, aspecto pertinente ao analisar o relacionamento da Igreja Católica com os devotos.

A etapa sintética da análise buscou compreender os sentidos produzidos pela articulação entre os elementos visuais dos mantos e os discursos religiosos, culturais e comunicacionais que os atravessam. Para o autor “os signos, sem negar o seu contexto histórico, podem vir a ter outros sentidos em um contexto específico de análise” (Mendes, 2019, p. 16).

Desse modo, a análise imagética permitiu compreender os mantos não apenas como peças estéticas ou litúrgicas, mas como dispositivos comunicacionais que conectam identidades, memórias, valores religiosos e sentidos coletivos.

5 BAIÃO DAS COMUNIDADES: ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os dados coletados durante a pesquisa, buscando compreender os sentidos comunicacionais, simbólicos e devocionais atribuídos aos mantos de 2024 e 2025 de Nossa Senhora de Nazaré. Para isso, serão analisados os dois mantos selecionados a partir da metodologia de análise de imagens fixas (Mendes, 2019), bem como os resultados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas. Além disso, serão analisadas as respostas do questionário aplicado aos devotos, permitindo identificar suas percepções, interpretações e sentimentos em relação aos mantos.

Os mantos, na realidade do Círio de Nazaré, são peças de extremo sigilo até a missa de apresentação que ocorre em uma quinta-feira que antecede o Círio. Ninguém além da DFN da festa pode saber quem é o responsável, onde está sendo feito e nem como será. A DFN é responsável pela organização do Círio de Nazaré, sendo composta por um conselho consultivo, uma diretoria colegiada e diversas diretorias executivas formadas por voluntários. Segundo o regimento da DFN, a diretoria é formada tradicionalmente por cerca de 35 casais voluntários, além dos diretores beneméritos. A coordenação geral¹⁰ é exercida pelo Diretor-Coordenador, enquanto o Diretor-Presidente é, por tradição, o pároco-reitor da Basílica Santuário de Nazaré. Sobre as diretorias executivas, estas se dividem em administrativo-financeira, arraial e arrecadação, decoração, engenharia e patrimônio, evangelização, eventos, marketing e procissões.

Em entrevista para esta pesquisa, Vitor Lima (2026) fala sobre a percepção dos devotos sobre os dois mantos e a produção de dois documentários sobre o processo. Ele relata que o registro completo da confecção do manto de 2024 foi negado pela DFN daquele ano. Ainda assim, o mesmo realizou a gravação parcial e disponibilizou o documentário no canal da página no *YouTube*. Quando questionado se o sigilo que envolve o manto pode distanciar o fiel da Igreja, Lima (2026) diz que: "Às vezes eles têm medo do contrário, principalmente os padres, de que se mostrar alguma coisa que é de bastidor, isso de alguma forma vá influenciar na devoção da pessoa de uma maneira negativa". Este segredo em volta do manto é um fator importante para sua

¹⁰ Nesta pesquisa, entramos em contato com a DFN mas não obtivemos resposta.

compreensão, que em alguns casos pode contribuir para uma expectativa do devoto e em outros para o afastamento.

Em entrevista para esta pesquisa, a estilista Letícia Nassar relata uma premissa importante para compreensão do manto dentro de uma perspectiva comunicacional:

O manto precisa contar a história do tema do Círio de forma fácil de ser compreendida pelo povo. Ele precisa ser uma peça bonita, mas de fácil compreensão porque ele é um objeto evangelizador. Ele não pode ser só uma veste bonita, é muito fácil fazer uma veste bonita. Difícil é você contar uma história através de 90 cm de tecido. (Nassar, 2026).

Temos aqui o fio condutor dos mantos, o tema do Círio. Os temas de 2024 e 2025 marcam o ponto de partida da criação da veste, limitam os signos e exploram sentidos teológicos diferentes. Enquanto um trabalha a perseverança na oração, o outro apresenta a criação como peça chave da festividade. Os desafios de ambos os mantos são relatados por Nassar (2026) da seguinte forma: "2024 eu digo que Nossa Senhora deixou eu viver o meu sonho na plenitude [...] 2025 eu vivi o maior desafio da minha carreira, que foi não criar, mas fazer o manto a partir de uma obra já existente." Observaremos a seguir as diferenças dessas duas peças de acordo com a análise de imagens fixas e do relato dos entrevistados.

5.1 Manto 2024: "perseverar na oração, com Maria, a mãe de Jesus"

O primeiro manto a ser analisado é o de 2024, da 232ª edição do Círio de Nazaré (Figura 6). O tema proposto para esta edição foi "Perseverar na oração, com Maria, a mãe de Jesus" e teve como responsável pela concepção a estilista Letícia Nassar. A equipe contou com bordados de Antônio José de Souza e Rosa Brito, e teve materiais de metais feitos por Marcelo Monteiro.

Figura 6 - Manto do Círio de Nazaré de 2024 aberto. Tema: "Perseverar na oração, com Maria, a mãe de Jesus"



Fonte: Divulgação Arquidiocese de Belém

O manto de 2024 foi concebido por Nassar (2026) exclusivamente para aquele Círio, ela conta que o seu ponto de partida foram os mantos mais antigos, tradicionais, bordados em linha dourada. Ela relata algo importante para ser analisado antes do aprofundamento da imagem em si: "é um manto que me traz uma sensação de contemplação". Esta sensação de contemplação é baseada nos pequenos elementos presentes em toda a extensão da veste; é preciso parar para observar seus detalhes, texturas, cores e intenções.

Inicialmente destaca-se uma composição predominantemente ornamental, estruturada em torno de uma monograma central que faz a junção de duas letras, "M" e "A", envolvido por uma moldura floral. Acima do monograma encontra-se uma cruz dourada, enquanto elementos florais, arabescos e folhagens se distribuem de forma equilibrada por toda a extensão do manto. Na parte inferior do manto observa-se um pequeno medalhão contendo outro símbolo, desta vez com a letra "G".

Abaixo da monograma, na parte central, encontra-se a frase "Eis aqui a serva do Senhor", que é associada a Maria em passagem do Novo Testamento no Evangelho de Lucas. Maria direciona a frase ao Arcanjo Gabriel como forma de aceitar a missão de gerar Jesus. Este "sim" de Maria pode ser interpretado como um convite à perseverança e oração, virtudes importantes na espiritualidade desta edição do Círio. A frase é para Nassar (2026) um dos pontos mais importantes do manto: "pra mim, o que fez ele ficar diferente de todos foi a placa escrita 'Eis aqui a serva do Senhor'".

A organização visual dos elementos apresenta simetria em toda veste. Os elementos decorativos distribuem-se de maneira equilibrada em ambos os lados da composição, criando uma sensação de ordem, harmonia e estabilidade. A simetria reforça, visualmente, ideias como de perfeição, equilíbrio e solenidade.

Em relação às cores, predominam o dourado, branco, rosa e perolado. O dourado é a cor mais marcante da composição, aparecendo nos arabescos, molduras, folhas e detalhes ornamentais. Na tradição cristã, o dourado está historicamente associado à realeza, à glória de Deus e à eternidade. Sua predominância contribui para conferir ao manto uma aparência majestosa e sagrada, reforçando a posição de Nossa Senhora como Rainha do Céu, título amplamente difundido na devoção mariana.

O branco ocupa o fundo da composição e produz uma sensação de luminosidade e pureza. Na liturgia católica, essa cor está associada à santidade e à perfeição espiritual, sendo usada nas grandes solenidades e festas do calendário litúrgico. Já os tons de rosa presentes nas flores introduzem delicadeza e suavidade ao manto, remetendo ao amor, à ternura e à maternidade de Maria.

Os principais pontos de tensão visual concentram-se no monograma central, na cruz localizada na parte superior da composição, na frase abaixo do monograma e no conjunto circular de flores que os envolve. A disposição desses elementos conduz imediatamente o olhar do observador para o centro do manto, estabelecendo uma hierarquia visual clara. A cruz ocupa a posição superior, funcionando como elemento de referência da fé, enquanto o monograma assume o papel de principal signo do manto. Sobre a cruz, Nassar (2026) diz que a única modificação foi que no topo do manto viria uma coroa e que um padre pediu para ser uma cruz. Esta troca entre uma coroa para a cruz apresenta uma simbologia importante no cristianismo: a realeza de Jesus é a própria crucificação, sua coroa é de espinhos e seu poder está na pobreza.

A análise dos elementos simbólicos permite identificar uma forte presença da tradição mariana. O monograma central, formado por letras entrelaçadas, remete às representações clássicas da Virgem Maria utilizadas ao longo da história da arte sacra e que representa “Ave Maria”. A estrutura que envolve este símbolo remete diretamente à berlinda utilizada nas romarias, procissões e trasladação do Círio. Esta composição traz a ideia de que o organograma é a própria imagem sendo acolhida em sua berlinda ornamentada por flores, assim como é em todas as romarias da festividade. Sobre as formas barrocas que constroem a figura da berlinda, a intenção inicial não era remeter ao carro que carrega a imagem; tal associação só foi possível durante o processo de fazedura do manto. Nassar (2026) afirma: “ele foi feito em peças soltas para serem aplicadas no fundo, então a gente ia montando como se fosse um quebra-cabeça, fazendo o encaixe da melhor forma”.

As flores constituem outro elemento relevante da composição. Distribuídas ao redor do monograma e nos extremos do manto, elas funcionam como signos de vida, beleza e renovação. Nos dois extremos é possível observar duas flores maiores em branco, elas podem fazer referência a uma forma carinhosa como os devotos chamam Nossa Senhora de Nazaré, “Lírio Mimoso”.

Os arabescos dourados também merecem destaque. Suas linhas sinuosas produzem movimento visual e remetem à ornamentação característica da arte sacra barroca, amplamente presente nas Igrejas, como a da Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, e manifestações religiosas brasileiras. Eles criam um ar solene para o manto e reforçam seu tom clássico.

A partir da observação das redundâncias presentes na composição, percebe-se que diversos signos convergem para um mesmo campo semântico: realeza, santidade, pureza, delicadeza e veneração. O dourado, a cruz, o monograma mariano, a moldura circular e as flores repetem e reforçam continuamente esses sentidos. Conforme destaca Mendes (2019), a repetição de signos semelhantes contribui para a consolidação de um determinado discurso visual, tornando mais evidente a mensagem produzida pela imagem.

Dessa forma, o código interno da composição parece estar centrado na exaltação da figura de Maria. A imagem não busca representar uma cena ou acontecimento específico, mas construir visualmente uma homenagem à sua condição de mãe de Cristo, rainha e intercessora, como pode ser observado no quadro visual do percurso metodológico (Figura 7):

Figura 7: Quadro do percurso metodológico do manto de 2024

<i>Percurso Analítico</i>	<i>Percurso Sintético</i>	<i>Representação Visual</i>
Monograma Mariano	Junção das letras "M" e "A" formam a saudação "Ave Maria"	
Frase	Frase retirada do evangelho de Lucas que represente a resposta de Maria ao anúncio	
Flores/ Lírio	Vida, Beleza e Renovação. Ornamento utilizado na berlinda de Nossa Senhora	
Arabescos dourados	Ornamentação barroca que remete a realeza; Formação da Berlinda	
Crucifixo	Representação de realeza e poder	
Dourado e Branco	Sensação de luminosidade e pureza. Na liturgia católica é utilizado nas solenidades e festas.	

Fonte: Desenvolvido pelo autor

5.2 Manto 2025: “Maria, mãe e rainha de toda criação”

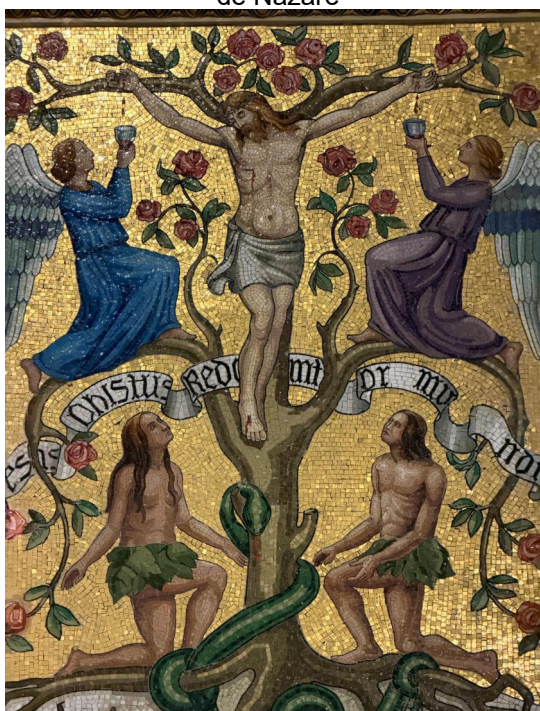
Assim como o manto de 2024, o manto de 2025 (Figura 8) ficou na responsabilidade da estilista Letícia Nassar, tendo como bordadores Luiz Paulo Ferreira, Fernando Machado e Daniela Albuquerque. O tema proposto para o 233º Círio de Nazaré foi “Maria, Mãe e Rainha de Toda Criação”. O Manto teve como referência central um mosaico (Figura 9) presente na Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, localizado do lado direito do presbitério da Igreja.

Figura 8 - Manto do Círio de Nazaré de 2025 aberto. Tema: Maria, Mãe e Rainha de Toda Criação”



Fonte: Divulgação Arquidiocese de Belém

Figura 9 - Detalhe do Mosaico A Árvore da Vida Localizado na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Vitor Lima

Nassar (2026) traz um dado importante sobre este manto na entrevista, que enfatiza o fato de que este objeto não se trata apenas de um ornamento estético e litúrgico, mas de um instrumento comunicacional, que tem objetivos de comunicação organizacional traçados pela DFN, neste caso, na figura de um dos seus gestores, que demanda a construção de um sentido específico para a peça:

O meu primeiro desenho (do manto de 2025) era inspirado no mosaico [...] mas aí o Padre Assis falou assim: "esse ano nós não precisamos de um manto que acolha. Nós precisamos de um manto que faça as pessoas lembrarem que o preço foi alto, para lembrar da criação, do porquê Maria é rainha de toda criação".

Esta fala limitou Letícia a desenvolver uma peça fiel ao mosaico de referência, mesmo tendo que tomar algumas escolhas estéticas e teológicas de elementos que não entraram na peça, mesmo estando presentes no mosaico original. Tal ação também foi relatada por Lima (2026): "o manto de 2025, o desenho dele, foi quase uma imposição do Padre Assis, que era o presidente da DFN da festa [...] não foi um manto em que a Letícia teve uma liberdade criativa tão grande como ela teve no de 2024".

A hierarquia de poder dentro da DFN é um pilar importante do Círio, assim como é dentro da Igreja. De forma resumida a hierarquia da Igreja Católica seria composta pelo Papa, Bispos, Padres e Leigos. Mesmo dentro dessas instâncias ainda existem outros tipos de hierarquia a serem seguidas e obedecidas. Esse cenário evidencia como as estruturas hierárquicas da Igreja Católica influenciam diretamente os processos de construção simbólica e comunicacionais relacionados ao Círio de Nazaré. Mais do que uma criação artística, o desenvolvimento do manto envolve decisões que passam por diferentes instâncias de autoridade, nas quais determinados atores possuem maior poder de influência sobre o resultado final. Na ótica das Relações Públicas, essa dinâmica permite compreender como os símbolos institucionais são construídos e geridos a partir das relações entre os diversos públicos da organização, refletindo valores, interesses e posicionamentos legitimados pela estrutura de poder da instituição.

Mesmo o mosaico sendo o ponto central da peça, e localizado na Basílica, Nassar (2026) conta que no dia da apresentação do manto lidou com alguns problemas de comunicação:

No dia da apresentação, que houveram alguns problemas técnicos de explicação do tema, eu tive muita dificuldade de explicar que não estava falando da natureza, eu estava falando exatamente do dia da criação, de quando Deus criou e o porque Adão e Eva estavam ali.

É relevante destacar que este questionamento sobre a presença da natureza no manto não se deu apenas pelo tema que remetia à criação, mas ao fato de que Belém sediaria naquele ano a 30ª edição da Conferência das Partes (COP). Esta aproximação dos eventos foi um assunto abordado na entrevista, pois o intuito era saber se o manto e o tema proposto estavam em convergência com o evento internacional que Belém sediou. Sobre isto, embora Nassar (2026) afirme que esta associação "foi um erro, quase 100% das pessoas ligaram a COP à Igreja [...] não esperem um manto que fale da COP, porque política é uma coisa e a Igreja Católica é outra", é importante entender que diferentes instituições se comunicam dentro de um tempo e espaço comum, o que pode resultar em tensões, divergências e convergências.

No caso da COP, a Igreja Católica, por meio da CNBB e de outras organizações, participou ativamente das discussões em prol da Ecologia Integral e da defesa da "Casa Comum". A presença da Igreja neste cenário de discussões sobre mudanças climáticas está fundamentada em sua doutrina social que insiste na promoção da justiça, da paz e do bem comum, reconhecendo que a proteção ambiental é um imperativo moral¹¹. Entre as propostas defendidas pela Igreja Católica, duas se fazem importantes no contexto mundial e amazônico: proteção dos territórios e domínios ancestrais e soberania dos povos originários, tradicionais, camponeses e pescadores artesanais e a centralidade da dignidade humana, dos direitos da Terra. Esse contexto social da Igreja Católica é importante para lembrar que, mesmo que o manto não tenha a finalidade de falar sobre a COP, ele fala diretamente sobre a criação e isto, por si só, já remete a premissa do cuidado com a casa comum e com os povos que nela habitam¹².

Em uma primeira observação da composição do manto, destaca-se a presença de uma árvore posicionada no centro, constituindo o principal elemento visual da peça.

¹¹ Site oficial: Site Igreja Rumo à COP30 disponível em: <https://igrejarumoacop30.org/> Acesso em: 10 mai. 2026.

¹² Casa Comum: Casa Comum é uma expressão popularizada pela encíclica apostólica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, que designa a Terra como o lar compartilhado por toda a humanidade. O conceito articula a preservação ambiental, a justiça social e a responsabilidade coletiva, defendendo uma relação de cuidado e respeito com a criação e com as futuras gerações.

A árvore apresenta raízes visíveis, tronco robusto, tendo no centro a figura de braços abertos, assim como galhos que se expandem em direção às extremidades superiores da composição. Em ambos os lados do tronco encontram-se figuras humanas ajoelhadas, dispostas de forma simétrica, enquanto rosas em tons de rosa ocupam as laterais do manto. Na porção inferior da peça observa-se a representação de um sol nascente envolvido por ondas azuis. Já na parte superior é possível observar um céu estrelado.

No nível formal, a composição apresenta forte equilíbrio visual. A disposição simétrica das flores e das figuras humanas cria uma sensação de harmonia, enquanto a árvore central funciona como eixo organizador de todos os demais elementos. No que se refere às cores, predominam o branco, o azul, o rosa e os tons terrosos da árvore. O branco, que ocupa grande parte da superfície do manto, produz uma sensação de leveza e luminosidade, que no imaginário cristão está frequentemente associada à pureza e à santidade. O azul, presente nas ondas que delimitam a composição, remete a devoção mariana, sendo tradicionalmente associado à Virgem Maria na iconografia católica. Já as rosas em tom rosado introduzem um aspecto delicado e afetivo à composição, estabelecendo um diálogo com atributos historicamente vinculados à figura de Maria, como amor, ternura e acolhimento. Nassar (2026) explica que "as rosas saem da árvore porque temos a profecia de Jessé que fala que sairia do tronco a roseira que daria o fruto da árvore da vida". Estabelecendo uma conexão com a tradição iconográfica mariana, uma vez que a flor é frequentemente associada à Virgem Maria na espiritualidade Católica por meio de sua delicadeza e firmeza. Os principais pontos de tensão visual concentram-se na árvore central, nas figuras ajoelhadas e no sol localizado na parte inferior do manto. A centralidade da árvore e sua dimensão em relação aos demais elementos direcionam imediatamente o olhar do observador para esse signo, conferindo-lhe protagonismo dentro da narrativa visual construída pela peça.

Na etapa de contextualização, proposta por Mendes (2019) como fundamental para compreender os sentidos produzidos pela imagem, observa-se que os elementos presentes no manto dialogam diretamente com valores culturais, religiosos e identitários associados ao Círio de Nazaré. A árvore pode ser compreendida como símbolo de vida, permanência e continuidade, representando uma fé que se mantém viva ao longo dos séculos. Mas dentro da Teologia Católica a árvore ganha um peso

maior quando em passagens do Antigo Testamento, mais especificamente em Gênesis, ela é apresentada como fonte da vida: “Deus coloca a árvore da vida bem no centro do jardim, junto com a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gênesis 2:9). No livro de Apocalipse, localizado no Novo Testamento, a árvore é citada novamente: “bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14).

As figuras ajoelhadas junto à árvore remetem à Adão e Eva, personagens centrais na história da criação, eles estão em posição de oração e com olhar voltado para a árvore em adoração pois a figura de braços abertos no meio é a representação de Jesus no momento da crucificação. Este paralelo entre o Antigo Testamento (criação) e o Novo Testamento (remissão) apresenta também uma perspectiva. Enquanto Eva é aquela que trouxe o pecado para o mundo, Maria é aquela que nasceu sem a “mancha” do pecado original, sendo considerada a nova Eva, mãe dos filhos de Deus. Nassar (2026) explica ainda que “eles estão de joelhos, já redimidos, já adorando. Maria sendo a nova Eva nos conduzindo de volta ao céu. Por isso as flores dão a volta no manto e ela se encontra com o céu novamente”.

Outro elemento relevante é o sol nascente representado na base da composição. No imaginário cristão, o nascer do sol está frequentemente relacionado à esperança, renovação e ressurreição. Associado às ondas revoltas que envolvem a composição, esse elemento também pode ser interpretado como uma referência à realidade amazônica da cidade de Belém, mas principalmente a uma realidade da vivência de fé na comunidade: não existe calmaria, a missão é turbulenta e, ainda assim, bela.

A partir da articulação entre os diferentes signos presentes na imagem, percebe-se a existência de uma narrativa visual construída em torno da ideia de continuidade da fé. Conforme destaca Mendes (2019), os sentidos produzidos por uma imagem emergem da relação estabelecida entre seus elementos constitutivos e do contexto no qual estão inseridos. Nesse caso, a repetição de signos relacionados à vida, crescimento, florescimento, oração e renovação contribui para a construção de um discurso visual centrado na permanência, como pode ser observado no quadro ilustrativo do percurso metodológico (Figura 10):

Figura 10: Quadro do percurso metodológico do manto de 2025

<i>Percurso Analítico</i>	<i>Percurso Sintético</i>	<i>Representação Visual</i>
Árvore	Árvore da vida presente no Antigo e Novo Testamento; Associação à vida, renovação e permanência.	
Pessoa de braços abertos	Jesus Crucificado	
Pessoas ajoelhadas	Adão e Eva; Remissão dos Pecados e olhar dirigido ao Salvador	
Ondas	Turbulência na vida comunitária; Associação com Natureza e as águas da Amazônia.	
Rosas	Profecia de Jessé; Saem da árvore e ligam ao Céu	
Branco	Pureza e veneração	
Azul e Rosa	Delicadeza e tradição Mariana	

Fonte: Desenvolvido pelo autor

5.3 Percepção dos fiéis sobre o manto e o relacionamento com a Igreja

A análise do questionário aplicado com os devotos teve como objetivo compreender de que forma os mantos da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, confeccionados para os Círios de 2024 e 2025, são percebidos pelo público em seus aspectos simbólicos, comunicacionais e religiosos. Os resultados evidenciam que o manto é compreendido pelos participantes não apenas como um elemento ornamental, mas como um importante instrumento de comunicação da fé, capaz de transmitir mensagens, despertar emoções e fortalecer a devoção mariana, completando a ideia mencionada anteriormente de que o manto “conta uma história” em uma perspectiva comunicacional.

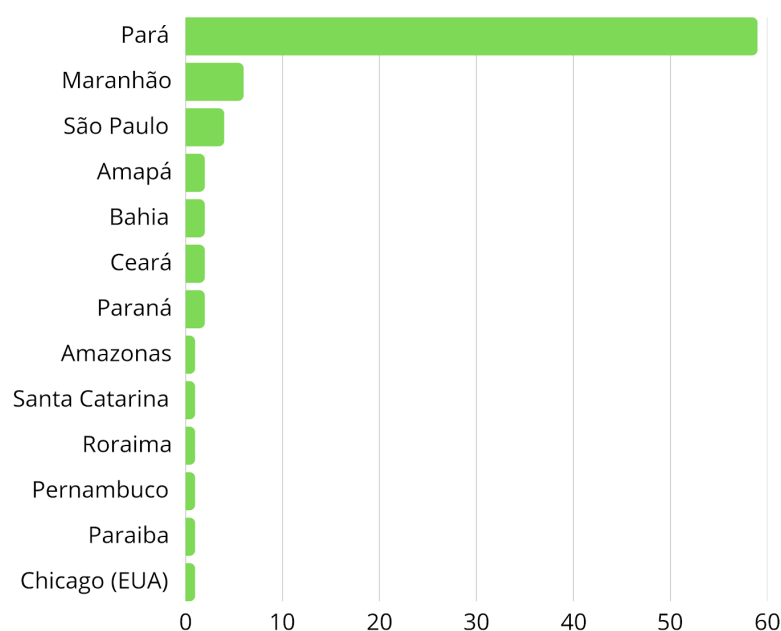
5.3.1 Todo peregrino caminha junto: traçando o perfil

Os participantes da pesquisa são, em sua maioria, católicos praticantes, predominando as faixas etárias entre 18 e 35 anos. Um dado importante é que, mesmo em menor número, alguns devotos de Nossa Senhora de Nazaré relataram que não

são católicos praticantes, sendo de outra religião ou mesmo não possuindo religião. Este dado apresenta uma realidade oriunda do início da história do Círio: ele é do povo. Lima (2026) relata que “o Círio é vivido por pessoas de outras religiões. Ele é vivido por famílias de judeus, por famílias muçulmanas. Claro que de uma outra forma, mas é vivido. Por umbandistas, por outras pessoas de religiões de Matriz Africana”, o que remarca um aspecto sincrético que é comum a diversas manifestações culturais e religiosas brasileiras.

Embora a maior concentração de respondentes seja oriunda do estado do Pará, também participaram devotos residentes em outros estados brasileiros (Figura 11), como Maranhão, Ceará, Amazonas, São Paulo, Paraná, Bahia, Santa Catarina, Amapá e Roraima. Também houve uma resposta de um residente do exterior, da cidade de Chicago, nos Estados Unidos. Esse dado demonstra o alcance nacional e internacional da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, evidenciando que o interesse pelos mantos ultrapassa os limites geográficos da Amazônia¹³ e a própria intencionalidade da festa, inicialmente planejada como um evento religioso, mas que se expande como um evento público de forte potencial turístico.

Figura 11 - Gráfico de localidade



Fonte: Desenvolvido pelo autor

¹³ A Amazônia pode ser compreendida por diferentes delimitações geográficas, como o bioma Amazônia, a Bacia Amazônica e a Amazônia Legal, além de representar um território marcado pela diversidade ambiental, cultural, étnica e religiosa.

Quanto à participação no Círio, verificou-se a presença de diferentes experiências entre os sujeitos. Enquanto 95,02% participaram presencialmente das edições de 2024 e 2025, os demais tiveram contato com os mantos por meio das transmissões oficiais, redes sociais, notícias e grupos de comunicação digital. Esse resultado demonstra o papel das mídias digitais na ampliação do alcance dos símbolos e narrativas associados ao Círio de Nazaré.

Em relação a presença digital do Círio nas redes sociais, Lima (2026) relata dificuldades com a DFN e a falta de visão na produção de conteúdo, e que a sua página "reverbera muitas vozes que gostariam de falar e questionar essas coisas". Quando questionado sobre sua opinião em relação à comunicação institucional do Círio, ele afirma que outros temas poderiam ser abordados e publicados, o que não é feito "por pura falta de visão", problema que poderia ser amenizado se houvesse "alguém da área dentro para tentar pensar no melhor caminho". Ele ainda diz que esta pessoa "tem que ser um profissional devoto", alguém que tenha as habilidades técnicas como um profissional da comunicação, mas que ainda sim seja um devoto do Círio.

Como destaca Kunsch (2003), o planejamento constitui um processo fundamental para orientar as ações comunicacionais e garantir que elas estejam alinhadas aos objetivos institucionais. Dessa forma, as críticas apontadas por Lima (2026) sugerem a necessidade de uma atuação mais estratégica da comunicação do Círio, capaz de identificar oportunidades de conteúdo, valorizar diferentes narrativas e fortalecer o relacionamento da instituição com seus públicos por meio das plataformas digitais.

Nesse contexto, as mídias digitais não devem ser compreendidas apenas como canais de divulgação, mas como espaços de interação e construção de relacionamentos. Para Carolina Terra (2011), a comunicação digital transformou os públicos em agentes ativos dos processos comunicacionais, capazes não apenas de consumir conteúdos, mas também de produzi-los, compartilhá-los e atribuir novos significados às mensagens institucionais. A autora denomina esse fenômeno de "usuário-mídia", destacando que as organizações precisam desenvolver estratégias capazes de dialogar com públicos cada vez mais participativos e influentes.

Assim, a observação de Lima (2026) sobre a necessidade de um profissional da comunicação inserido na realidade do Círio evidencia a importância de um

planejamento estratégico que compreenda as especificidades do ambiente digital e seja capaz de promover uma comunicação mais dialógica, ampliando as possibilidades de interação entre a DFN e os diversos públicos que acompanham e vivenciam o Círio.

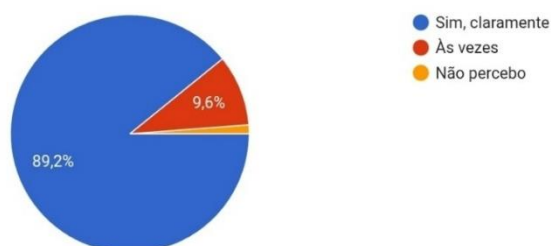
5.3.2 Seja o manto uma experiência

Os dados revelam que 94% dos participantes costuma observar o manto com muita atenção e considera sua presença importante ou muito importante para a experiência religiosa proporcionada pelo Círio. Tal percepção demonstra que o manto ocupa uma posição de destaque dentro das celebrações, sendo reconhecido como um elemento que contribui para a construção da espiritualidade e da identidade visual da festividade. Para os devotos, o manto representa mais do que uma vestimenta destinada à Imagem Peregrina. Ele é compreendido como um símbolo de proteção, acolhimento, devoção e evangelização. Em diversas respostas, o manto foi descrito como uma forma de aproximação dos fiéis com Nossa Senhora de Nazaré, reforçando sentimentos de fé, esperança e pertencimento.

5.3.3 A percepção é o motor da fé

Grande parte dos entrevistados (Figura 12), 89,02%, afirmou perceber claramente os símbolos religiosos presentes nos mantos, enquanto 92,08% reconheceu sua capacidade de comunicar as mensagens associadas ao tema anual do Círio. Esse resultado evidencia a eficácia da linguagem visual utilizada na composição das peças, confirmando sua função comunicacional.

Figura 12 – Gráfico percepção
Ao observar o manto, você percebe os símbolos religiosos?
83 respostas



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nas respostas, os participantes frequentemente definiram os mantos como uma forma de “catequese visual”, expressão que reforça a compreensão do objeto como um instrumento de evangelização. Os elementos presentes nas peças são interpretados como representações concretas de ensinamentos bíblicos, valores cristãos e aspectos que remetem à devoção mariana, que têm impacto nos valores organizacionais da Igreja Católica e também na eficácia do Círio como evento que aproxima a instituição a seus públicos.

Entre os significados mais atribuídos aos mantos destacam-se as categorias relacionadas à fé, evangelização, proteção materna, esperança, renovação e a realeza de Maria. No caso específico do manto de 2025, observou-se ainda uma forte associação com a temática da criação, da natureza e da ecologia integral, aspectos vinculados ao tema daquele ano, conforme mencionado anteriormente. Esses resultados demonstram que o manto desempenha um papel relevante na mediação simbólica entre a mensagem proposta pela Igreja Católica e a interpretação realizada pelos devotos, funcionando como um importante veículo de comunicação.

5.3.4 Olhar atento, coração operante

A análise das respostas permitiu identificar quais elementos dos mantos mais despertaram o interesse dos participantes. No manto de 2024, destacaram-se os lírios, o monograma mariano, a frase “Eis aqui a serva do Senhor”, a cruz e os arabescos dourados. Esses elementos foram frequentemente associados à pureza de Maria, à oração, à devoção e à tradição mariana. Já no manto de 2025, os elementos mais mencionados foram a Árvore da Vida, a figura de Cristo crucificado, as rosas, as águas, o céu e as abelhas. Os participantes relacionaram esses símbolos à criação divina, à salvação, à renovação espiritual e à presença de Cristo na história da humanidade. Deste modo, as respostas convergem tanto com a análise visual realizada anteriormente como com as intenções da criadora da peça e da Igreja.

Além do conteúdo simbólico, os respondentes também valorizaram aspectos estéticos e técnicos das peças, como o trabalho dos bordados, o uso de relevo, a composição das cores e a riqueza dos detalhes. Esses dados demonstram que a comunicação promovida pelo manto ocorre tanto pela dimensão simbólica quanto pela experiência estética proporcionada pela veste, sobretudo nas interações presenciais.

5.3.5 Oferta de sentimentos

Os dados revelaram que a contemplação dos mantos desperta emoções entre os participantes, referidas por expressões relacionadas à fé fortalecida, proteção, esperança e sentimento de pertencimento à Igreja Católica. Muitos relatos associam os mantos a experiências pessoais marcantes, como promessas alcançadas, graças recebidas, tradições familiares e participações significativas no Círio. Dessa forma, percebe-se que o manto atua como um importante agente das memórias do povo, fortalecendo o vínculo emocional dos devotos com a festividade, com Maria e consequentemente com a instituição.

Outro aspecto relevante refere-se a uma hipótese desta pesquisa, ao considerar que a interpretação de cada pessoa sobre o manto acontece de maneiras diferentes. A maioria dos sujeitos concordou com essa afirmação, evidenciando o caráter dinâmico da comunicação e da iconografia do manto. Assim, os significados atribuídos aos signos variam de acordo com as experiências de vida, a trajetória religiosa e o contexto sociocultural de cada indivíduo.

5.3.6 Se tiveres que escolher, eis de escolher Maria: a comparação

Os participantes identificaram diferenças significativas entre os mantos das duas edições analisadas. O manto de 2024 foi frequentemente descrito como mais delicado, clássico e harmonioso, com forte presença de elementos ligados à oração, à perseverança e à espiritualidade mariana. Já o manto de 2025, foi percebido como mais narrativo e simbólico, destacando temas relacionados à criação, à natureza e à centralidade de Cristo no projeto da salvação.

Nas respostas discursivas, também foram mencionadas as diferenças na linguagem visual empregada em cada peça. Enquanto o manto de 2024 apresentou uma composição mais tradicional, marcada pela predominância dos tons dourados e pela influência estética do barroco, o manto de 2025 destacou-se pela presença de elementos naturais, maior diversidade de cores e uma narrativa visual mais ampla.

As opiniões sobre qual manto mais marcou os participantes mostraram-se divididas. Parte dos respondentes demonstrou preferência pelo manto de 2024, devido à sua delicadeza estética e à identificação com a temática da oração. Outros

indicaram o manto de 2025 como mais marcante em razão da riqueza simbólica e da inovação artística apresentada. Houve ainda um grupo significativo que afirmou valorizar igualmente ambas as peças, reconhecendo que cada uma comunica aspectos distintos da devoção mariana.

Lima (2026) relata que, baseado nas opiniões dos seguidores da sua página, o manto de 2024 foi quase uma unanimidade para a maioria das pessoas do ponto de vista de sua aceitação. Por sua vez, o manto de 2025 chocou muita gente, havendo uma quantidade de reações negativas muito maiores em relação ao anterior. Ele retorna a fala de Nassar (2026) sobre o problema de comunicação que ocorreu no dia da apresentação do manto de 2025 e traça um percurso do momento:

Tradicionalmente esse descritivo do manto é lido antes da apresentação do manto ou depois que a imagem já chega no altar com o manto. Nessa apresentação do manto de 2025, esse descritivo não foi lido pelo diretor que estava lá. E era o texto que explicava os elementos do manto, que justificava. Quando o manto entrou na Basílica as pessoas não sabiam o que era aquilo que ele estava representando. Quem via de frente via aquelas rosas e ok; mais um manto com rosas sendo representado. Mas quando o manto passava e via as costas, muita gente não entendeu. Tinha gente que achava que era Plácido¹⁴. Causou uma estranheza pela forma, pela estética, pelas cores. Essa falta de comunicação na apresentação do manto foi um fator primordial para que as pessoas não entendessem o que estava sendo representado e consequentemente não gostassem.

Esse problema no momento da apresentação do manto 2025 foi relatado pelos dois entrevistados como o ponto central na forma como os devotos iriam receber e perceber a veste. O descritivo não foi lido, o vídeo não foi passado e isso gerou um ruído comunicacional. Lima (2026) conclui dizendo que "é aí que você percebe o poder da falha de comunicação. Porque quando a pessoa vê aquilo que serviu de base antes do manto ser apresentado a conexão acontece de uma outra forma, ela é muito maior".

A relação entre imagem e texto desempenha um papel fundamental na construção dos sentidos das mensagens institucionais. Para Santaella (2012), os processos comunicacionais são marcados pela integração de diferentes linguagens, que se articulam continuamente na produção de significados. Dessa forma, elementos visuais e verbais não atuam de maneira independente, mas se complementam e influenciam mutuamente a interpretação dos públicos.

¹⁴ Plácido José de Souza é reconhecido como o homem que encontrou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e deu origem à devoção na Amazônia.

Essa compreensão é particularmente importante no contexto das instituições, onde a comunicação depende da coerência entre aquilo que é mostrado e aquilo que é dito. Quando há desalinhamento entre os elementos visuais e textuais, podem surgir ruídos capazes de comprometer a compreensão da mensagem e gerar interpretações distintas daquelas enunciadas pela organização.

Aqui voltamos para o papel fundamental e estratégico das Relações Públicas dentro das instituições. Cabe ao RP atuar na construção de mensagens coerentes e significativas, buscando mitigar possíveis ruídos e fortalecer o diálogo com os públicos. Muitas vezes este papel de mitigar ruídos dentro das instituições religiosas, principalmente nas comunidades eclesiais, é atribuído aos agentes da Pastoral Litúrgica, pessoas responsáveis pela espiritualidade da comunidade e por fortalecer o relacionamento entre o sujeito e a Igreja por meio de experiências de fé. Mas em um contexto do Círio, a atuação de agentes da liturgia não é capaz, por si só, de resolver todos os possíveis problemas de comunicação. Cabe a Igreja Católica compreender a necessidade de profissionais adequados para as diversas atividades que envolvem a comunicação institucional.

6 CONCLUSÃO

Ao longo do estudo, foi possível constatar que o manto ultrapassa sua função estética e litúrgica, configurando-se como um importante dispositivo de comunicação da Igreja Católica junto aos seus públicos. Por meio de cores, formas, imagens e elementos iconográficos, os mantos comunicam mensagens, reforçam valores institucionais, narram aspectos da fé cristã e atuam como instrumentos de evangelização. Nesse sentido, a análise imagética permitiu compreender que os signos presentes nos mantos são organizados intencionalmente para transmitir significados relacionados ao tema anual do Círio, à espiritualidade mariana e à identidade religiosa da festividade.

Entretanto, os resultados também demonstraram que a comunicação não se encerra na intenção de quem produz a mensagem. As respostas dos devotos evidenciaram que os elementos visuais podem ser reinterpretados a partir das experiências individuais, da vivência religiosa e dos repertórios culturais de cada sujeito, ainda que estes se alinhem, em sua maioria, ao objetivo comunicacional da Igreja Católica. Dessa forma, os mantos revelam-se objetos de leituras variáveis, confirmando a ideia semiótica de que os significados são construídos na relação entre os signos e os sujeitos.

As entrevistas realizadas permitiram compreender ainda que a elaboração dos mantos não ocorre de maneira isolada, mas está inserida em um contexto institucional marcado por negociações, relações hierárquicas e disputas simbólicas. As falas dos entrevistados evidenciaram que a construção dos mantos envolve diferentes atores e interesses, revelando a influência da estrutura organizacional da Igreja Católica na definição dos elementos visuais e das narrativas apresentadas aos milhares de devotos. Tal constatação reforça a compreensão de que o Círio de Nazaré, além de manifestação religiosa, também constitui um espaço de comunicação institucional e de poder simbólico.

Foi possível compreender que a festa que nasceu no encontro entre o povo e a devoção também foi construída por sujeitos, culturas e espiritualidades que, ao longo do tempo, tiveram suas contribuições parcialmente apagadas ou deslocadas da memória institucional do Círio de Nazaré. Ao longo de sua institucionalização, a narrativa oficial da festividade privilegiou determinados sujeitos e discursos, enquanto

a participação histórica de pessoas negras, indígenas e de tradições religiosas não católicas foi, em muitos momentos, inviabilizada. Reconhecer essa pluralidade significa compreender que a força comunicacional do Círio reside justamente na capacidade de reunir diferentes experiências humanas em torno de uma mesma devoção, fazendo da fé um espaço de encontro, e não de exclusão.

Sob a perspectiva das Relações Públicas, foi possível identificar que os mantos funcionam como importantes mediadores entre a Igreja Católica e seus públicos. Eles contribuem para a construção de vínculos afetivos, para o fortalecimento da identidade do Círio e para a produção de sentidos entre instituição e devotos. Ao mesmo tempo, os dados apontam para a necessidade de um planejamento comunicacional cada vez mais atento às dinâmicas contemporâneas, especialmente no ambiente digital, onde os públicos não apenas recebem mensagens, mas também interpretam, compartilham e produzem novos significados sobre a festividade.

Por fim, conclui-se que os mantos que vestem a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré constituem um dos mais relevantes instrumentos comunicacionais do Círio. Mais do que uma veste, ele representa um espaço de encontro entre fé, cultura, memória, identidade, devoção, espiritualidade e comunicação. Sua capacidade de mobilizar afetos, gerar interpretações e fortalecer o sentimento de pertencimento evidencia seu papel como elemento central da experiência devocional vivida por milhares de pessoas ao longo da programação do Círio.

Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar os estudos sobre comunicação, imagem e religiosidade, especialmente no campo das Relações Públicas, oferecendo novas possibilidades de reflexão sobre os processos simbólicos que permeiam uma das maiores manifestações religiosas do Brasil. Acreditamos que os resultados aqui apresentados possam servir para melhor compreensão das estratégias de comunicação dentro das instituições religiosas, considerando tanto suas lacunas como suas potencialidades.

Mesmo atravessado por disputas de poder institucionais e variadas estratégias comunicacionais, o manto continua encontrando seu sentido mais profundo no olhar dos devotos, pois nele o povo interpreta sua fé e projeta suas esperanças, fazendo com que, a cada Círio, o manto permaneça sendo, antes de tudo, do povo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Barbosa de. O rastro divino no mundo: por uma semiótica da teofania. **Reflexão**, Campinas, v. 48, 238520, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v48e2023a8520>. Disponível em: <https://puccampinas.emnuvens.com.br/reflexao/article/view/8520>. Acesso em: 20 jun. 2026.
- AZEVEDO, Josimar da Silva. **Círio de Nazaré: A festa da Fé como comunhão solidária**. Tese de Doutorado, Faculdade Jesuíta. Belo Horizonte, 2008.
- BARTHES, Roland. **A imagem**: música, texto. Lisboa: Edições 70, 1990.
- BESSA, Juliana. Manto da Imagem Peregrina do Círio de Nazaré é apresentado em Belém. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/noticia/2025/10/09/cirio-2025-manto-de-nossa-senhora-de-nazare-e-apresentado-em-belem.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2026.
- BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2012.
- CEBI/CECA. SCHWANTES, Milton. E o verbo se fez carne e acampou entre nós. Belo Horizonte, MG, s.d.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Catecismo da Igreja Católica**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- DIRETORIA DA FESTA DE NAZARÉ. Manto da Imagem Peregrina 2025. Belém: Diretoria da Festa de Nazaré, 2025. Disponível em: <https://www.ciriodenazare.com.br/>. Acesso em: 01 jun. 2026.
- DOMÉZI, Maria Cecília. **A devoção nas CEBs**: entre o catolicismo tradicional popular e a Teologia da Libertação. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANCISCO, Papa. **Abertura do Sínodo**: oração inicial e saudação do Papa. Cidade do Vaticano, 3 out. 2018. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 02 jun. 2026.

G1 PARÁ. **Manto de Nossa Senhora de Nazaré para o Círio 2024**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/noticia/2024/10/10/conheca-o-manto-de-nossa-senhora-de-nazare-para-o-cirio-2024.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2026.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê: Círio de Nazaré**. Brasília: IPHAN, 2006.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

LIMA, Vitor. **Mosaico A Árvore da Vida**. 2025. Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, Belém.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico na Amazônia**. Belém, 1995.

MENDES, André Melo. **Metodologia para análise de imagens fixas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019.

MENDONÇA, BETH ; BONNA, MAURO. **Livro do Círio-10ª edição**. Belém, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONDZAIN, Marie-José. **Homo Spectator: ver, fazer ver**. Lisboa: Orfeu Negro, 2013.

MOREIRA, Fuviane Galdino. **Entre bandeiras e mantos: Aparecida e a identidade nacional brasileira**. Visualidades, Goiânia, 2017.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo**. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, p. e 206301, jan./jun. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Imagem e religiosidade: estudos sobre cultura visual**. São Paulo, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PANTOJA, VANDA. **Negócios sagrados**: Reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré. Dissertação. Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, 2006.

QUITES, Maria Regina Emery. **Imagem de vestir**: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil. 2006. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

REVISTA PURAQUÊ. **Círio de Nazaré**. Belém, 1878. Disponível em: <https://diariodopara.com.br/para/como-eram-as-primeiras-procissoes-do-cirio/>. Acesso em: 11 jun. 2026.

SANJAD, Nelson. **O Círio negro de Jacques Huber**. ENSAIO, 19 set. 2023. JORNALDisponível em: Medium. Acesso em: 09 maio 2026.

SANJAD, Nelson. **O Círio negro de Jacques Huber**. ENSAIO, Medium, 19 set. 2023. Disponível em: O Círio negro de Jacques Huber <https://medium.com/@ensaio/o-c%C3%ADrio-negro-de-jacques-huber-6b21e4502689>. Acesso em: 10 mai. 2026

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2002. SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille, org. **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

SOUZA, Maria do Carmo. **Vestindo a Santa**: narrativas e representações sobre os mantos de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará (1973–2000). 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

TERRA, Carolina Frazon. **Usuário-mídia**: a relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo usuário nas mídias sociais. São Paulo: Difusão Editora, 2011.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

○70+

- Outro:

- Nenhuma

- Não costumo observar

- Indiferente

- Não percebo

- Comunica em parte

10. QUAIS MENSAGENS OU SIGNIFICADO VOCÊ ACREDITA QUE O MANTO TRANSMITE?

11. QUAIS ELEMENTOS OU DETALHES DO MANTO DE 2024 MAIS CHAMARAM SUA ATENÇÃO?

12. QUAIS ELEMENTOS OU DETALHES DO MANTO DE 2025 MAIS CHAMARAM SUA ATENÇÃO?

13. VOCÊ CONSIDERA QUE CADA PESSOA PODE INTERPRETAR O MANTO DE FORMA DIFERENTE?

☐ Sim ☐ Não ☐ Nunca pensei sobre isso

14. AO VER O MANTO, VOCÊ SENTE:

☐ Emoção ☐ Fé fortalecida ☐ Sentimento de pertença à Igreja
☐ Tradição cultural ☐ Nada ☐ Outro:

15. O MANTO INFLUENCIA SUA RELAÇÃO COM A IGREJA CATÓLICA?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei opinar

16. DE QUE FORMA O MANTO INFLUENCIA SUA RELAÇÃO COM A IGREJA CATÓLICA?

17. VOCÊ PERCEBEU DIFERENÇAS ENTRE OS MANTOS DE 2024 E 2025?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei dizer

18. QUAIS DIFERENÇAS VOCÊ PERCEBEU ENTRE OS DOIS MANTOS?

19. QUAL MANTO MAIS TE MARCOU?

☐ 2024 ☐ 2025 ☐ Ambos ☐ igualmente ☐ Nenhum

20. DE ACORDO COM A RESPOSTA ANTERIOR, QUE IMAGEM, LEMBRANÇA OU SENTIMENTO ESTE MANTO DESPERTA EM VOCÊ?

21. VOCÊ QUER DEIXAR ALGUM TESTEMUNHO SOBRE O CÍRIO DE 2024 E 2025? FIQUE LIVRE PARA SE EXPRESSAR COMO FOR MAIS CONFORTÁVEL PARA VOCÊ.

APÊNDICE B - ENTREVISTA LETÍCIA NASSAR

INÍCIO

1. Qual a sua relação com o Círio de Nazaré?
2. Como recebeu o convite para desenvolver os mantos de 2024 e 2025? O que esse momento representou para você, pessoal e profissionalmente?
3. Como você entende o manto dentro da tradição do Círio?
4. Há algum elemento do manto que você considera essencial para expressar a fé dos devotos?

PROCESSO CRIATIVO

1. Como se iniciou o processo criativo dos mantos? Houve um ponto de partida específico?
2. Em que medida o seu processo criativo dialoga com a tradição e, ao mesmo tempo, permite inovação?
3. Existe um momento em que você percebe que o manto “está pronto”? Como se dá esse reconhecimento?
4. Como você escolhe os signos que irão compor o manto? Existe uma intencionalidade comunicacional definida previamente?
5. Qual foi o símbolo ou detalhe mais significativo para você em cada um dos mantos?

SIGNOS

1. Quais são as principais diferenças conceituais entre os mantos de 2024 e 2025?
2. Em termos estéticos e comunicacionais, o que distingue um manto do outro?
3. Você percebe uma evolução no seu próprio processo criativo entre um ano e outro?

LEITURA DOS DEVOTOS

1. Você pensa na leitura que os devotos farão desses signos?
2. Como você gostaria que os devotos se sentissem ao contemplar os mantos?
3. Já houve algum símbolo cuja interpretação pelos fiéis te surpreendeu ou foi de encontro com a sua intenção?
4. Na sua percepção, como os devotos interagem com o manto durante o Círio?

FINAL

1. Você acredita que a relação do devoto com o manto de Nossa Senhora de Nazaré ajuda na manutenção/criação do relacionamento entre este devoto e a Igreja enquanto instituição?

APÊNDICE C - ENTREVISTA VITOR LIMA

INÍCIO

1. Você pode se apresentar e contar um pouco sobre sua relação com o Círio de Nazaré?
2. Como surgiu a ideia de criar a página “Mãos de Outubro”?
3. O nome da página tem um significado especial? Como ele se relaciona com o Círio?

Criação de Conteúdo e Intencionalidade

1. Qual é o principal objetivo da página?
2. Que tipo de conteúdo você busca produzir sobre o Círio?
3. Existe uma preocupação em transmitir apenas informação ou também emoção e experiência?
4. Como você escolhe os temas e imagens que serão publicados?
5. Você enxerga a página como uma forma de comunicação religiosa? Por quê?

Relação com o Público

1. Como é a interação dos seguidores com a página?
2. Que tipo de comentários ou mensagens você mais recebe?
3. Você percebe que os devotos compartilham experiências pessoais ligadas ao Círio?
4. A página contribui, na sua visão, para fortalecer o sentimento de pertencimento dos fiéis?

Percepções sobre os Mantos (2024 e 2025)

1. Como você percebeu a repercussão dos mantos de 2024 e 2025 entre os seguidores da página?
2. Os mantos geraram mais engajamento ou discussão? De que forma?
3. Quais foram as principais reações dos devotos em relação aos mantos?
4. Você notou diferenças na recepção entre o manto de 2024 e o de 2025?

Interpretação e Construção de Significados

1. Na sua percepção, os devotos costumam interpretar os símbolos presentes nos mantos?
2. Você acredita que as redes sociais influenciam a forma como esses símbolos são percebidos?
3. Já houve alguma interpretação dos seguidores sobre os mantos que te chamou atenção?
4. A página contribui, de alguma forma, para orientar ou ampliar essas interpretações?

Imagem, Emoção e Devoção

1. Qual o papel das imagens na construção da devoção ao Círio dentro da página?
2. Você acredita que conteúdos visuais (fotos, vídeos, detalhes dos mantos) intensificam a experiência religiosa?
3. Como você percebe a relação entre estética, emoção e fé nas publicações?

Comunicação Digital e Religiosidade

1. Como você enxerga o papel das redes sociais na vivência do Círio hoje?
2. A experiência digital pode complementar a experiência presencial da fé?
3. Você acredita que páginas como a sua ajudam a manter viva a devoção ao longo do ano?

Reflexões Finais

1. Para você, qual é o significado dos mantos dentro do Círio de Nazaré?
2. Se tivesse que resumir a percepção dos seguidores sobre os mantos de 2024 e 2025, o que diria?
3. Qual o maior aprendizado que você teve ao criar e manter a página “Mãos de Outubro”?